

DEOCLÉCIO DIAS MACHADO FILHO.

TRADIÇÃO DE UM NOME

(A Vida Social do E. C. Iguaçu)



EDITORA
COMPANHIA BRASILEIRA DE ARTES GRÁFICAS
Rio de Janeiro — 1956

To my wife &
friends, & caste tambi
companhia's netaions, com
mitts os men aquaçai-

g. Duslin
In 2d. d. 17

DEOCLÉCIO DIAS MACHADO FILHO

TRADIÇÃO DE UM NOME

(A Vida Social do E. C. Iguaçu)

EDITORIA
COMPANHIA BRASILEIRA DE ARTES GRAFICAS
Rio de Janeiro — 1956

TRADIÇÃO DE UM NOME

Segundo os historiadores, sete são as maravilhas que impressionaram o Mundo antigo, a saber: as Pirâmides do Egito; os Jardins Suspensos da Babilônia; o Farol de Alexandria; o Colosso de Rodes; a Estátua de Júpiter, devida ao cinzel de Fídias, o maior escultor da Grécia em todos os tempos; o Templo de Diana, em Éfeso, e o Túmulo de Mausolo.

Modernamente, porém, segundo a opinião dos srs. Domingos Panela Filho, Orlando Soares, José de Moura, Artur da Silva, Cristolino Chaves, Nelson Belém, Jair Vianna, Silvio Sampaio Diniz, Cel. Nicolau R. da Silva, todos da velha guarda, ardorosos batalhadores em favor da campanha pró-construção da sede social do E. C. Iguacu, surgirá a oitava maravilha: o projeto da nova sede, o qual deixará os associados boquiabertos, diante da beleza de suas linhas arquitetônicas.

O ABC DO ASSOCIADO DO E. C. IGUAÇU

Amar com fé e orgulho o E. C. Iguaçu.
Batalhar incessantemente pelo seu progresso.
Considerar-se amigo de outro associado.
Difundir suas boas realizações.
Elevar o nome dos que por élê trabalham.
Fazer parte do grupo de colaboradores.
Ganhar terreno na boca propaganda.
Herdar a tradição do seu nome.
Incentivar o progresso social.
Joeirar o que não serve e aproveitar o que é útil.
Lembrar à Diretoria as boas iniciativas.
Mostrar-se sociável quando em seu recinto.
Não se descuidar da boa apresentação.
Orgulhar-se de pertencer ao seu quadro social.
Pugnar pelos seus ideais.
Querer bem aos diretores.
Referir-se com satisfação às suas obras.
Saber por que o defende.
Ter sempre o seu escudo como lema.
Ufanar-se do progresso em que vai.
Velar pelos seus interesses.
Zelar seu patrimônio.

A GUISA DE PREFÁCIO

A família iguaçuana, que tem raízes profundas no E. C. Iguacu e dele não se afasta por amor às suas tradições; essa família que vem se multiplicando através dos anos, sempre ligada ao clube onde se reune e se diverte e socialmente se aprimora, está comemorando de maneira especial a passagem do aniversário do marco que o entusiasmo de Ptolomeu Trindade, prestigiado pelos moços iguaçuanos de então, fincou no solo da velha e hospitaléira Maxcmbomba. O E. C. Iguacu foi uma semente nova atirada a uma terra fértil e dadivosa porque, durante toda a sua existência, ele tem assinalado magníficas vitórias esportivas e sociais, tornando o seu nome conhecido e admirado muito além de nossas fronteiras municipais. Frequentado sempre por centenas de associados, pertencentes quase todos às mais antigas e conceituadas famílias iguaçuanas, o E. C. Iguacu é a nossa própria sociedade que se forma, que se desenvolve e realiza em bases sólidas para o futuro.

Levando avante o que há tanto tempo vinha sendo planejado, em vista da necessidade cada vez maior de expansão do clube, com o seu quadro social aumentando dia a dia como natural consequência do surto de progresso apresentado pelo nosso Município, a Diretoria atual do E. C. Iguacu, criando um quadro de Sócios Proprietários, atirou-se, pode-se dizer, de corpo e alma a uma grande campanha para construir a sede própria na área onde se acha a praça de esportes. O movimento, interessando diretamente a todos os

sóciros, cresceu como se esperava, desde logo aceito, apoiado e aplaudido em toda parte. Foi um estímulo confortador para o empreendimento em vista, e também uma prova segura de que, posta a idéia em prática, ela seria de fato vitoriosa mais cedo ou mais tarde, porque correspondia à aspiração maior da família iguaçuana, ansiosa de expandir-se em ambiente que lhe oferecesse mais alegria e conforto.

Viram muitos, aos primeiros passos dados em direção ao objetivo visado, que a época se apresentava inteiramente favorável àquele tradicional clube, a fim de realizar o ideal há muito acalentado pelos seus numerosos associados: a construção de uma sede moderna e ampla, onde as suas famílias pudessem se reunir confortavelmente. De fato, a primeira emissão de títulos, no valor cada um de cinco mil cruzeiros, esgotou-se em pouco tempo. E uma segunda emissão, com os respectivos títulos valorizados em mais três mil cruzeiros, já provocou uma corrida de propostas à Diretoria do Clube. As festas promovidas pela campanha, e realizadas como todos sabemos com êxito social e financeiro surpreendente, são também um testemunho exuberante e indiscutível de que a época é mesmo do E. C. Iguacu, que se vê rodeado em toda parte de compreensão, simpatia e boa vontade, abrindo-lhe caminho para que possa realizar a grande obra que idealizou.

Inúmeras têm sido, portanto, as provas de incentivo à Diretoria do Alvi-negro, que por isso mesmo nunca poupou esforços para manter em bom ritmo de produção a sua campanha. Tanto que tudo está pronto para que as obras sejam desenvolvidas, a começar pelo ginásio e a piscina, entrando assim o clube numa fase nova de sua vida, com as melhores perspectivas de progresso e esplendor estampa-

das à sua frente. A união da família iguaçuana, se ontem serviu de garantia para se dar início à campanha, hoje é mais necessária do que nunca para se fortalecer o movimento e não ameaçá-lo de paralização total. Prosseguindo todos a colaborar como têm feito até o presente, sem outro objetivo senão o progresso e grandeza do E. C. Iguacu, teremos brevemente, sem dúvida alguma, o sonho de Ptolomeu Trindade transformado numa esplêndida e fulgurante realidade em Nova Iguacu.

LUIZ DE AZEREDO

HOMENAGENS

À DATA ANIVERSÁRIA

O dia 17 de novembro representa, para todos os iguacanos, amantes de sua terra e sua gente, uma grande efeméride: o dia do aniversário do E. C. Iguacu.

Falar do Iguacu, como o chamamos na intimidade, é o mesmo que falar na grande família que o compõe, com todos os laços que a integram.

Porque não existe nenhuma delas, de quantas aqui residem, que não haja freqüentado seus salões, com a mesma sensação de respeito que vai nos próprios lares.

Poder-se-á, até, considerar o dia 17, se assim o quisermos, não como data exclusiva do clube, senão ainda como o dia de aniversário da própria sociedade local, que o Iguacu recompôs e plasmou dentro dos mais sãos princípios.

Porque a sua história começou quando ainda a nossa sociedade engatinhava, sem haver propriamente onde se congregar. Ao tempo em que os prédios se mostravam acanhados como os próprios locais e sobremodo raros os sobrados espaçosos; em que nossas ruas eram de chão batido, separadas do leito da Central por velhos e enferrujados trilhos.

Os otizeiros eram o único enfeite de que dispunha a Marechal Floriano, a cuja margem surgiu e se gigantou. E ali, na velha praça Ministro Seabra, em cima do Cine Verde, é que ele nasceu socialmente.

Conquanto seja antigo como agremiação, cuja praça de esporte já a mocidade freqüentava desde 1912, entanto, sua vida social principia com os primeiros saraus dançantes

no sobrado da única praça pública de então. As principais famílias desta cidade, com a maior das satisfações, já o prestigiavam. E, com as boas referências, adveio-lhe o renome. Dentro em pouco, mudava-se para o terceiro andar do edifício do Sr. Saad Murad, de par com os grandes sonhos de sua impenetrável Diretoria, a cuja frente, além de outros, se encontrava a incansável figura do Sr. Nicolau Rodrigues da Silva, bem como as de João Batista Chagas e Luiz do Amaral, — nomes que o clube deve sempre evocar com profundo sentimento de gratidão e reconhecimento. Em tal sede, ampla e confortável, iniciaram os grandes festivais. As noites de gala. Os bailes a rigor. As orquestras de fama. O Pingue-Pongue. O Xadrez e inúmeras outras diversões que acabaram por tornar pequeno o novo e amplo edifício. Até que um dia, em 1932, chegaram à conclusão de que sómente um outro prédio acomodaria seu quadro social. O em que se encontra atualmente, cuja construção se ultimava por aquelle tempo, e onde cresceu durante 21 anos.

E agora, com a grande sede já pequena, seguindo sempre o seu destino, só lhe depara uma solução: construir, dentro de seus próprios recursos, com o amor e carinho de quantos acolheu e viu amadurecer. Assim, com o produto de seu próprio labor, semeado no coração de várias gerações, prepara-se para o maior empreendimento de toda a sua história: o levantamento de sua casa própria, com Piscina, campo de Tenis, de Vôlei, de Basquete, Biblioteca, Bar e amplos salões. Representará a objetivação do maior sonho de quantos vêm nêle batalhando, alguns desde 1912, no sentido de confortavelmente acolher seu numeroso e bem selecionado quadro social, pelo qual a tenaz Diretoria vem evidenciando o melhor de seus esforços, a fim de torná-lo cada vez maior, à altura de suas grandes e gloriosas tradições.

DEOCLÉCIO MACHADO FILHO

ÀS GLÓRIAS ALCANÇADAS

Invencível no campo da disputa,
Onde glória e valor tu conquistaste;
Jamais enfraqueceste numa luta,
E triunfante o êxito alcançaste.

Altivo e sobranceiro se ostenta:
Teu pavilhão que aos ventos tremulante,
No seu todo alvi-negro representa,
Uma plêiade espartana e pujante.

O amor que por ti nutre e venera,
O povo de Iguacu que em voz sincera,
Entre aplausos e hosanas te aclama,

Não quer que se desminta uma vitória,
Na página brilhante da história
De teu bom nome, que tanto me inflama...

JOÃO BATISTA CHAGAS

À LISURA DOS TESOUREIROS

Nelson Marcos Belém, Azul Menezes Sampatão e Sílvio Sampatão Diniz compõem o formidável trio que se desdobra na tesouraria do glorioso E. C. Iguacu.

Quem quer que freqüente as dependências do Alvi-negro ou se interesse pelas suas coisas e destino, não pode permanecer indiferente à atuação desses três magos da contabilidade, aos quais o E. C. Iguacu já deve grande soma de serviços prestados.

Honestos por princípio, com a escrita primorosamente

organizada, não há um centavo sequer, de quantos entram ou saem, que não mereça a anotação devida nos livros de registro, o que demonstra o capricho e a lisura que sobre-pairam no movimento financeiro.

São três heróis que se desvelam e que muito têm corrido para o crédito e para o prestígio sempre crescente do clube, quer pela eficiência dos serviços demonstrados, quer ainda pelo respeito que infundem.

Impecável é o acerto das círculas em depósito, como também o é a exposição mensal que sempre fazem aos associados, através de balancetes em que as somas são perfeitas.

Por tudo isso, lhes prestamos esta merecida homenagem, desejando continuem firmes no mister que abraçaram e que muito tem contribuído para a situação de confiança que reina entre os que trabalham e colaboram para a grandeza e prosperidade do E. C. Iguacu.

À MAJESTOSA CONSTRUÇÃO

Estamos a festejar
Satisfeitos, ufanos,
Pelos seus feitos gloriosos,
O nosso clube exemplar.
Raciou o seu maior dia,
Trindade — o moço — empolgado
Em seu ideal amado.

Com a fé que possuia.
Lia-se em todo semblante
Um sonho bom realizado,
Bem cedo aqui transformado
Em realidade triunfante.

Iria depois fazer,
Guicado pelo Nicolau,
Um coronel sem igual,
A obra que queremos ter:
Sede moderna, grandiosa,
Sem par de tão majestosa,
Um lar pra gente viver!

LUIZ DE AZEREDO

AOS GRANDES BATALHADORES

O Esporte Clube Iguacu festejou há bem pouco tempo o seu 42.º aniversário. A sua vida de lutas e vitórias é sobejamente conhecida de todos. A sua gloriosa história está presa ao coração da sociedade iguaçuana, com profundo respeito aos nossos antepassados e confiança absoluta naquêles que compõem as suas lides. As diretorias que por aqui passaram, procuraram acertar sempre com as necessidades do Clube. Todavia, devemos reconhecer que pouca coisa de útil realizaram, pois tódas as suas iniciativas tiveram resultados negativos. Ou por falta de entusiasmo ou por espírito conservador, o certo é que o Esporte Clube Iguacu continuava pequenino, enquanto a sociedade local se agigantava diante de suas acanhadíssimas instalações.

Muito se comentou a respeito, muito se debateu, mas ninguém desconfiou que faltava ao Esporte Clube Iguacu aquilo a que chamamos — Vontade Indômita de Vencer — que é, sem dúvida, uma força capaz de transpôr todos os obstáculos e atrair todos os elementos de triunfo.

Para o Esporte Clube Iguacu deixar de "marcar passos", necessitava de uma diretoria composta de elementos de

fibra com idéias novas e progressistas. Precisava, enfim, de homens que chamassem a si as responsabilidades dos encargos que lhes fossem confiados e que se dispusessem a trabalhar com os olhos fitos no progresso do Clube, dando, assim, prova de que o Iguacu vive e se agiganta no cenário recreativo e social d'este Município.

Já, agora, contemplando a longa caminhada percorrida e ciente das novas diretrizes impostas pela direção do Clube, posso eu dizer, com tranquila segurança, que com o Cel. Nicolau, Cristolino Chaves, Jair Viana, Nelson Belém, Artur da Silva, Avelino Pinto Bento, Orlando Soares, José de Moura, Domingos Panela Filho e tantos outros, o Esporte Clube Iguacu poderá levar à frente a gigantesca e meritória obra da construção de nossa sede própria.

Eis por que, conhecendo de perto o entusiasmo dêsses homens e desejando colaborar com êles nessa brilhante jornada, não vacilei em aceitar o convite a mim formulado para ocupar um dos cargos da diretoria deste Clube e, ao lado de seus ilustres colegas, dar prosseguimento aos designios a que nos propusemos, base de toda a nossa aspiração e esperança máxima do nosso digníssimo quadro social.

WILSON DE FIGUEIREDO VIEIRA

A IMPRENSA LOCAL

O E. C. Iguacu, agora que editou o seu livro, não pode deixar de agradecer as palavras de elogio e de incentivo publicadas no conceituado órgão de imprensa local, "Correio da Lavoura".

Muitos dos conceitos insertos no tradicional hebdomário se encontram reproduzidos em várias páginas deste volume, para que melhor se avaliem os altos propósitos que animam os seus dirigentes.

No ensejo desta oportunidade, quando a Iguacu "vive o período mais serio e decisivo de sua existência, uma vez que se empenha, jogando todos os seus recursos, numa campanha gigantesca", — segundo um de seus articulistas, não podíamos deixar de prestar, aqui, a nossa homenagem, cheia do mais sincero reconhecimento, a quem, durante tantos anos, vem demonstrando intransigente amizade e elevado espírito de colaboração.

AO "DIA DO VETERANO"

Não há dúvida que foi muito feliz e oportuna a lembrança de Cristolino Chaves, que pertence ao grupo dos iguacuenses cento por cento, dêsses que já criaram raízes profundas neste Clube, ressaltando-lhe os feitos do passado com orgulho, defendendo-lhe com intransigência os interesses no presente e lutando com ardor para aumentar-lhe o patrimônio no futuro: a da instituição do Dia do Veterano do E. C. Iguacu. Nada mais agradável e confortador do que, numa sociedade como a nossa, fraternalmente se reunirem, dando-se as mãos, aproximando-se mais os corações e confundindo-se os sentimentos, os batalhadores de ontem e de hoje, aquêles que tudo fizeram pela fundação do Clube e lhe deram impulsos valorosos no decorrer de muitos anos, e êstes que prosseguem o trabalho esportiva e magnificamente empenhados no cumprimento de seus deveres, visando a união e a felicidade da família iguacuana, visando o progresso, a grandeza e perenidade do querido E. C. Iguacu.

Gloriosas são as tradições sociais e esportivas do Alvinho que, por isso mesmo, tem merecido o respeito e a consideração de seus co-irmãos, o conceito e a simpatia geral da sociedade em que vivemos. E a conservação dessas tradi-

ções tão caras, limpido espelho de belos feitos esportivos e elevadas realizações sociais, é o dever de associado e dirigentes do E. C. Iguacu, que não se esquece de reverenciar, em meio das alegrias de seu aniversário, a memória de tantos filhos que já se foram, pelo que lhe deram em esforço, dedicação e amor, como, para exemplificar, Norival Chaves (Tatú), Belmiro Vieira Fernandes, João Batista Chagas, Jardim Cordeiro e outros. Um dia que já vai longe, êles se puseram sob a bandeira do Alvi-negro e, cada um, em sua oportunidade e a seu modo, procurou honrá-la sobremaneira.

Dêsse modo, o traço de união que se estabelece entre os iguaçuanos de ontem e de hoje, os laços que nos unem, formando uma corrente indestrutível de solidariedade e simpatia, representam uma força muito grande, capaz de empreendimentos consideráveis. Proveitoso seria no entanto, para o E. C. Iguacu, no que êle tem a realizar à sua frente, que os novos associados não só cultuassem a memória daquêles que partiram, mas ainda que seguissem o exemplo admirável de trabalho e perseverança, de renúncia e dedicação de outros com quem convivemos, de outros que lhe deram ou ainda continuam a lhe dar valiosa colaboração, como, por exemplo, Ptolomeu Trindade, cel. Nicolau Rodrigues da Silva, Hipólito Paquete, Silvino de Azeredo Filho, Francisco Baroni, João Eleutério de Barros, Américo Pastor, Alceu Soares Pereira, Nelson Marcos Belém, Cristolino Chaves, Silvio Sampaio Diniz e muitos outros. Pois de valores assim é que depende o E. C. Iguacu para continuar, pelos anos afora, a sua vitoriosa trajetória.

Vemos aí o Passado, de gloriosas tradições, confraternizando-se com o Presente, havendo entre êles um laço de união que há-de levar o Alvi-negro a um Futuro de esplêndidas realizações !

INTRODUÇÃO

Inegavelmente, o E. C. Iguacu está crescendo ! Não sómente por caber num livro, mas pelos embates que se travam, no sentido de um controle dos mais altos postos !

Há evidente preocupação, por parte de muitos, em bem administrá-lo. E' que seus valores materiais ascenderam já à soma dos milhões de cruzeiros, o que representa razoável patrimônio.

Daí, as cíias. Umas, querendo que tudo corra mais depressa. Outras, naquêle mesmo ritmo anterior. Mas o fato é que as lutas podem retardá-lo, por afastarem elementos já integrados à sua vida e que, pela extrema dedicação, merecem continuar à frente de certos cargos.

Dai, também, esta obra que não visa a separar ninguém. Mas unir. E sobretudo mostrar o que tem sido o E. C. Iguacu desde 1951, quando um grupo de cidadãos esforçados o recebeu em "deficit", para entregá-lo à atual Diretoria eleita para o biênio de 1956-1957, com um patrimônio gigantesco, segundo se verá nas páginas seguintes.

Grupo entusiasta, dinâmico, empreendedor, a cuja frente se encontram os nomes de Nelson Belém, Silvio Diniz, Azul Menezes Sampaio, Hélio Lavinas, Luiz Azeredo, Cel. Nicolau Rodrigues, Alceu Soares Pereira, Agostinho Martins Duarte, Artur da Silva, José de Moura, Orlando Soares, Domingos Panela Filho, Jair Viana e vários outros, que muito deram de si a benefício do Alvi-negro, de gloriosas tradições ... Grupo que não deve ser afastado nem esquecido, porque, sem

dúvida alguma, é o esteio, a própria alma do E. C. Iguacu! Grupo que em 1951 não dispunha de um só centavo, e que, no decíbar de 1955, quando começou a construção da nova sede, já contava com quase dois milhões de cruzeiros em caixa, graças aos programas de trabalho que elaborou, em que se incluiam festas e outros meios de aumentar o patrimônio financeiro do clube!

Grupo unido, animado e homogêneo. Grupo amigo, empreendedor e incansável. Grupo alegre e sociável, cuja atuação assentou várias colunas da revista que o Iguacu editou, no decurso de mais de cmo! Grupo animado e omnipresente. Grupo elegante e desprendido, que retirava do bolso economias para ajudar o Alvi-negro... Grupo inesquecível e amado, que há-de justificar todo esse livro, da primeira à última página.

A êles todos, pois, seus componentes, a mais sincera homenagem.

Porque, realmente, é grandiosa a obra por êles iniciada.

Apesar de, como disse anteriormente, terem recebido o Iguacu em "deficit", com os cofres vazios, sem crédito na praça, hoje, a sua tesouraria tem o compromisso de milhões que vêm sendo criteriosamente apresentados aos associados, através de balancetes mensais, honestamente comprovados.

As festas, atualmente numerosas, são calculadamente organizadas, de modo que apresentem lucros. A intitulada "Noite na Roça", o ano passado, rendeu quase oitenta contos; a da Primavera, no mesmo ano, pouco menos. O mês de aniversário, apesar dos bailes, com despesas de orquestras e recepções às entidades que nos visitaram, permitiu um depósito de quase oitenta contos no Banco Comércio e Indústria de Minas Gerais, conforme se pode ver no balanço do mês de novembro passado.

Até a festa de d. Ieda Fernandes, por ela mesma orga-

nizada, proporcionou ganho apreciável! As simples dominqueiras, hoje em dia, rendem quase dez mil cruzeiros!

Em nenhuma outra época houve movimento igual!

Por conseguinte, não pode haver quem desmereça o trabalho de tão valorosos cidadãos.

Com êles, e com outros que a êles se juntarem, é que o Iguacu avançará! Porque representam sua força viva, real e atuante!

Que scibum imitá-los, é o nosso desejo.

O objetivo dêste livro é justamente falar sobre o E. C. Iguacu, numa das fases mais importantes de sua vida.

A Diretoria que por êle vinha trabalhando de 1951 a 1955, sem desfazer das demais, merece de nossa parte o maior dos encômios. Pois dela é que partiu a coragem e a iniciativa de resolver o grande problema que é o da construção da sede própria, que se apresenta de máxima importância e imediata necessidade para o seu progresso social, para a sua natural evolução, em conjunto com a terra iguaçuana.

Para tanto, tornaram-se necessários novos e vigorosos impulsos à campanha para a atração de associados, bem assim para a obtenção de meios materiais indispensáveis à construção da sede.

Sómente a campanha para a aquisição de sócios proprietários, não bastou, se bem que o seu número, hoje, já seja bastante razoável, e tenha proporcionado as grandes somas hoje em depósito, em parte aplicadas no início do grande ginásio, em adiantada construção.

Explicando, como convém, direi que, pelos Estatutos, a classe de sócios proprietários compõe-se de quinhentos, isto é, de quinhentas ações de cinco mil cruzeiros cada uma.

Em mensagem enviada à Assembléia Geral, entretanto, foi solicitada autorização para a emissão apenas de duzen-

tas ações naquela importância, porque as demais seriam majoradas e lançadas oportunamente.

As referidas ações, nominativas, de números 001 a 500, e, de acordo com o que se propusera, foram passados, na primeira série, os números 001 a 200. Assim, em harmonia com o art. 73, letra "f", combinado com o art. 119, dos Estatutos, foi solicitada pelo sr. Presidente do Clube a seguinte majoração, para as ações restantes:

Segunda série, de 201 a 250, Cr\$ 6.000,00, cada;
Terceira série, de 251 a 300, Cr\$ 8.000,00, cada;
Quarta série, de 301 a 500, Cr\$ 10.000,00, cada.

Do mesmo modo, o sr. Presidente solicitou o aumento das mensalidades, na seguinte base:

Admissão de contribuinte	Cr\$ 100,00
Mensalidade	Cr\$ 30,00
Admissão de aspirante	Cr\$ 30,00
Mensalidade	Cr\$ 10,00
Admissão no Departamento Feminino	Cr\$ 20,00
Mensalidade	Cr\$ 5,00

Outrossim, por conveniência de serviço, para não sobre-carregar o número atual de diretores em cada seção, foi determinada a seguinte alteração, para mais, no quadro administrativo:

Presidente	
1.º e 2.º Vice-Presidente	
Diretor Social	
Subdiretor Social	
Diretor de Secretaria	
1.º Secretário	
2.º Secretário	
3.º Secretário	

Diretor de Tesouraria	
1.º Tesoureiro	
2.º Tesoureiro	
Diretor Geral de Esporte	
Diretor de Futebol	
Diretor de Basquete	
Diretor de Vôlei	
Diretor de Tênis de Mesa	
Diretor de Patrimônio	
Subdiretor de Patrimônio	
Curador	
Diretor de Publicidade	
Subdiretor de Publicidade	
Diretor do Departamento Feminino	
Subdiretor do Departamento Feminino	
Diretor de Xadrez	
Subdiretor de Xadrez	
Comissão de Sindicância, com 3 membros.	

Com respeito à campanha pró-construção da sede direi que o clube conseguiu interessar vários engenheiros para que apresentassem estudos do projeto da futura sede do E. C. Iguacu.

Atendendo a esse pedido, exibiram seus trabalhos e respectivas propostas os arquitetos João Azilard, Raul Pena Firme, Haskel Goltzman e Filúvio R. Filho.

Nessas condições, para que se desse um parecer que orientasse a Diretoria sobre a escolha dos mencionados estudos, nomeou-se uma comissão composta dos senhores Drs.: Bento Santos de Almeida, Oracir de Souza Oliveira e Rui Barbosa da Silva, aqueles engenheiros e este arquiteto, além dos diretores Luiz Martins de Azeredo, Sílvio Scampaio Diniz e dr. Nelson Soares.

Esta comissão, depois de confrontos e exames dos trabalhos apresentados, opinou pelo estudo dos engenheiros-arquitetos Haskell-Filúvio, fazendo, no entanto, sugestões para algumas alterações, tendentes a facilitar e embelezar a obra.

Dando cumprimento a vastos programas financeiros e com objetivo de desenvolver a campanha pro-construção, foi instituído, pelo sr. Cristolino Chaves, o **Dia dos Veteranos**, sendo a data de 15 de novembro a escolhida, em virtude de o clube aniversariar no mesmo mês.

E com a idéia de congraçar o Iguaçu com outras entidades desportivas, foi cedida a sua praça de esportes para a realização de festivais a vários co-irmãos, inclusive o E. C. Moquetá e o Triângulo, bem assim à Liga Iguaçuana de Desportos, para disputar torneios inícios da 1.^a e 2.^a Divisão, e à Comissão organizadora do Torneio Aberto.

O deputado estadual A. Negreiros, querendo colaborar com tão grande campanha, conseguiu incluir no orçamento do Estado um auxílio para o E. C. Iguaçu, na importância de Cr\$ 30.000,00.

De outro modo, o vereador Manoel Quaresma de Oliveira, também querendo participar da campanha, ofereceu um lote de terreno a ser rifado entre os sócios do clube.

Em sorteio, através da Loteria, ganhou-o o associado Manoel Pedro de Almeida Couto, a quem já foi passada a respectiva escritura, por ocasião das festas de aniversário do clube.

E de tal maneira a campanha se desenvolveu, tão grande foi a colaboração dos diretores, que o último Carnaval, realizado com extraordinário brilhantismo, atingiu uma receita de Cr\$ 86.900,00, deixando um saldo de Cr\$ 28.628,00. Constituiu grande êxito!

E em meio a tudo isso, no auge da grande campanha, os srs. José de Moura e Ronald Emílio Mitre, iguaçuanos de

fíbra e coração, ofereceram Cr\$ 20.000,00, cada um, em tijolos, para a construção.

Ainda nesse período áureo para o Alvi-negro, foram realizadas grandes festas sociais.

Assim é que a Festa da Criança, Noite na Roça, Festa da Primavera, Festa da Saia e Blusa e Festival de Bailados deixaram encantados a quantos os presenciaram, proporcionando, ainda, um saldo de Cr\$ 76.946,00.

Na secretaria do clube, graças a esse trabalho desenvolvido, houve um movimento extraordinário.

O número de associados redobrou. Grande clubes começaram a corresponder-se com o E. C. Iguaçu, principalmente em virtude do Boletim que começou a editar e que dava notícias pormenorizadas do seu movimento interno.

Graças ainda à sua Revista, tão procurada por todos os associados, conseguiu através do Governo do Estado, uma ajuda de duzentos mil cruzeiros.

De 1951 a 1955, devido principalmente à organização da Tesouraria, com os seus serviços em perfeita ordem, a situação financeira do clube tornou-se excelente, com um movimento em torno de dois milhões de cruzeiros!

Assim, com respeito a tal situação, quero dizer aos diretores de 1956, o muito que terão de realizar para não desmerecerem o trabalho até aqui realizado.

A vitória que alcançaram, através de um trabalho contínuo e persistente da chamada Ala Moça, que atraiu número considerável de sócios, terá de continuar com o mesmo ritmo de trabalho, de renúncia e abnegação.

Sem dúvida, o movimento que encetaram não foi um movimento em vão. Mas oriundo da vontade de contribuirem

também, a benefício do Iguáçu com o seu quinhão de esforços, para que êle possa progredir, aumentando seu patrimônio. Só que não poderão parar no campo da luta em que se colocaram. Terão de continuar cada vez mais denodados, firmes, para não deixarem mal aquêle sôbre cujos ombros colocaram a imensa tarefa de dirigir o Alvi-negro, cujo ginásio, em construção, já fez o clube despender mais de um milhão e meio de cruzeiros!

Esta, por conseguinte, é uma fase em que não pode haver divergências.

Muito ao contrário, o período é de união e congraçamento, para que o E. C. Iguáçu possa encontrar o caminho certo do seu destino.

1.ª PARTE

O COMÉCIO DO E. C. IGUAÇU

1

Tudo principiou — vamos contar neste comêço de livro — com as festas comemorativas do aniversário de fundação do tradicional Alvi-negro, que movimentaram, de maneira extraordinária, toda a família iguaçuana, que certa do que precisa e lhe convém, disposta mesmo, já nesta altura a pugnar, corajosa e conscientemente, pelos seus altos interesses em sociedade, pelo desenvolvimento físico, artístico e cultural das novas gerações, pelo bem de nossa gente, pela maior grandeza, enfim, da terra que nos viu nascer. E coroando as festas de enorme programa, que teve a felicidade de reunir em confraternização, os veteranos do Clube e os continuadores, agora, de seu trabalho árduo de pioneiros e idealistas, fazendo justiça, assim, aos valores do passado e demonstrando, ao mesmo tempo, que a união de todos é indispensável, porque faz a força que há-de impulsionar magníficas realizações.

Para atingir êsse objetivo, iniciou a diretoria do E. C. Iguáçu grande campanha para admissão de sócios proprietários, tendo já se esgotado a primeira emissão de 200 títulos, dos quais mais de três dezenas foram de pronto integralizadas. E a par disso, mantendo as suas finanças perfeitamente equilibradas, a Tesouraria do Clube, pelo que vimos

no balancete geral de janeiro a outubro, fechou o exercício com um movimento superior a milhões de cruzeiros, deixando um saldo apreciável. A construção da sede própria, portanto, está na ordem do dia e — o que vale ressaltar — dentro das possibilidades do tradicional E. C. Iguacu, que precisa desenvolver-se ainda mais, que tem urgência de se ampliar, não só para oferecer o conforto que merece o seu já numeroso quadro social, mas ainda para acolher quantos vêm procurando, diariamente, entrar na família iguaguana, identificar-se com o meio social que acham simpático, elegante e correto, sempre preservando as suas gloriosas tradições. Nos planos que tem elaborado, não se restringiu a diretoria do Iguacu à exigência de uma sede dotada apenas de salas para noites alegres de danças. Seriam idéias estranhas e acanhadas, atos inconscientes, e, por isso, merecedores de críticas severas. Mas não pensaram assim os diretores do Alvi-negro, razão por que vêm recebendo os apoios mais valiosos, os aplausos mais vibrantes aos seus objetivos, visando realmente beneficiar a sociedade em todos os setores de suas atividades. A sede, como está projetada com especial interesse e gosto arquitetônico, em dois pavimentos, terá amplas dependências destinadas à administração — secretaria, tesouraria, sala para diretores, arquivo... — e aos associados — — salão de baile, sala de jogos, palco para teatro, biblioteca. Uma praça de esportes, que terá quadras de tênis, basquete, vôlei, além de piscinas para adultos e crianças. Um "play-ground" e um ginásio para educação física. Pensa assim, a diretoria do Clube construir uma sede confortável, onde os associados e suas famílias, quer em reuniões sociais, festas artísticas e culturais ou encontros esportivos, possam conviver com proveito e satisfação.

Não se deve esquecer, dêsse modo, o alcance da iniciativa dos atuais diretores do Iguacu, do seu arrojo em assu-

mir tal responsabilidade, surpreendendo os pessimistas, desmoralizando os que dão sempre de ombros, dizem que tudo não passa de conversa fiada e não acreditam nunca que de um movimento assim possam nascer as realizações que o Iguacu tem como objetivo imediato. Aí estão na linha de frente dessa campanha, tão necessária quanto desassombrada, valores como Nicolau Rodrigues da Silva, Orlando Soáres, Cristolino Chaves, Nelson Marcos Belém, Silvio Sampaio Diniz, Jair Viana, Artur da Silva, Agostinho Martins Duarte, José de Moura, Domingos Panela e tantos outros, que se entregam de corpo e alma ao trabalho em prol da construção da sede própria do Iguacu, a esse grande movimento que se iniciou em boa hora e não pode parar mais, enquanto não se sentir satisfeita e confortavelmente instalada a família iguaguana em sua sede, enquanto Nova Iguacu não se sentir enriquecida com a obra realizada e orgulhosa da coragem, do dinamismo e sobretudo da perseverança de seus filhos em busca de um ideal.

Conforme disse o sr. Luiz de Azeredo: "Assistimos em 1955 a uma festa tão expressiva, tão bela e encantadora que jamais poderemos esquecê-la. A data era a de 15 de novembro, instituída que fôra, por feliz sugestão do sr. Cristófino Chaves, para que os veteranos do E. C. Iguacu — seu passado de lutas e vitórias refletido no presente — pudessem fraternalmente se reunir, confundido os seus corações generosos na lembrança dos sonhos que acalentaram, das pelejas em que se empenharam de corpo e alma, das conquistas que fizeram na mocidade. Viram e sentiram todos, num ambiente de confraternização, que os seus esforços não foram em vão, porque a obra que haviam iniciado prosseguia através do tempo, honrando os que lhe deram os primeiros impulsos e fazendo questão de lhes abrir as portas de par em par, para recebê-los com as justas homenagens de seu reconhecimento, de sua simpatia e admiração.

Sem dúvida é toda a vida do E. C. Iguacu que se reflete no presente, desde os primeiros passos para a sua fundação, dados, em 1912, por Ptolomeu Trindade, apoiado, entre outros, por Enéas Alarcão, Jorge Bastos, Dino e Alarico Melo, Artur Sales Teixeira, Benjamin Chambarelli, Eugênio Santana, Silvino, Estácio e Silvio de Azeredo, desde os seus esforços iniciais coroados de êxito, depois os seus tropeços e esmorecimentos seguidos da arregimentação de novas fôrças e novos ideais em outras épocas, em outras fases reno-

vadoras que se firmaram e se consolidaram até os nossos dias. Ainda está para ser contada, com todos os pormenores, a vida do tradicional e glorioso E. C. Iguacu, através de suas iniciativas felizes, de seus empreendimentos corajosos, de seus feitos e realizações que demonstram o quanto valem e podem o entusiasmo e a energia dos moços quando unidos para atingir um fim comum.

Temos recolhido alguns fatos que, passados em diferentes fases do E. C. Iguacu dizem um pouco dos costumes de ontem em nossa terra e, sobretudo, da boa vontade, do ardor e da alma com que os iguaçuanos defendiam o seu clube. Um deles se verificou quando o Alvi-negro disputava certa vez, no antigo campo próximo ao sobrado dos Gaggini e Battistoni, contra um dos muitos clubes do Rio de Janeiro, que nos visitavam frequentemente. À hora de formar-se o nosso quadro houve quem discordasse da escalação, principalmente dos beques Astolfo e Rogério, quando outros seriam mais indicados naquela ocasião, em face da responsabilidade do jogo em perspectiva. E o que mais estirilou com a escalação foi Benjamin Chambarelli, o goleiro do quadro, no que era apoiado, aliás, embora discretamente, pelo então presidente do clube, sr. José Moreira.

Diga-se de passagem que Sebastião Cardoso, capitão da equipe, era guarda de armazém da Central, enquanto Benjamin Chambarelli era praticante de agente, mas em campo as posições se invertiam: Tião é que mandava e Benjamin só tinha que acatá-lo. Iniciada a peleja, os locais começaram logo a fraquejar não resistindo às investidas bem organizadas do adversário, de sorte que, já no meio do jogo, perdia o Iguacu por 3 ou 4 a zero. Desesperado com a má

atuação do clube, e mais ainda com o fracasso dos beques, o sr. José Moreira correu a falar com Benjamin por trás da "goal", ordenando-lhe que não defendesse mais nada. Obedecendo àquela ordem estranha, mas superior, o goleiro se encostou a um dos cantos da trave e calmamente deixou passar mais uma bola... Decepção e revolta geral! Com toda a energia, Tião expulsa Benjamin de campo, terminando depois o jogo sem brilho para o Alvi-negro. Não ficou ali, porém, o incidente, Benjamin, ameaçado também de expulsão do clube, por seu ato de indisciplina, procurou defender-se redigindo um relatório em que afirmava ter obedecido a ordens superiores. Então Valdemar Gredilha, que era secretário do Iguacu, sabendo da existência do referido relatório, que seria entregue à Diretoria, foi à procura de Benjamin e pediu-lhe que não criasse uma situação tão delicada e embarçosa à direção do clube. Se ele assim procedesse — afirmou-lhe — não dando entrada naquele documento, o caso seria encerrado. Benjamin ouviu calado as ponderações de Valdemar Gredilha. Não estava mais com a cabeça quente e, comendo acima de tudo o seu clube, não teve dúvidas: rasgou o relatório...

Outro fato interessante ocorreu em Irajá, quando ali compareceu o Iguacu para disputar uma partida com o clube local que, scbedor do valor de nossa equipe, tratara de reforçar-se com elementos de primeira linha dos clubes suburbanos. A rapaziada da velha Maxambomba, acompanhada de uma banda de música, como prova de sua confiança na vitória, desembarcou em Madureira e dali seguiu para o campo num bonde puxado a burros. O pessoal de Irajá estava ali à espera todo confiante, ouvindo-se até de sua torcida que os nossos "fringuinhos" seriam facilmente vencidos. Uma grande mesa de doces e bebidas fôra preparada, naturalmente para festejar uma vitória retumbante do Irajá sobre o Iguacu. Mas o resultado foi bem outro quan-

do o juiz deu por terminado o jôgo: vencemos por um escore esmagador — 9 x 0 — e a mesa de doces e bebidas desapareceu por um encanto... Foram os seguintes os "franguinhos" que puseram os rapazes do Irajá no bolso: Lampreia; Estácio e Tasso; Benjamim, Henrique de Freitas e Gabriel Pimenta; Alarico, Tatu, Amorim, Edgar Melo e Manduquinha. O extraordinário feito do Iguacu aqui é que foi comemorado, com música e foguetes na chegada, e uma mesa de doces na primeira confeitoria que tivemos, a do velho Bernardino, instalada onde se acha hoje a Padaria Central.

Esses fatos é que recordam a gloriosa existência do E. C. Iguacu".

3

E, assim, as atenções tôdas se voltam para o E. C. Iguacu, numa das fases mais decisivas de sua vida esportiva e social. Não resta dúvida que o Alvi-negro, de tradições tão caras e belas a preservar, está na época favorável para se firmar em bases sólidas, enriquecer o seu patrimônio e vencer como nunca venceu com o seu pavilhão tremulando magnificamente ao vento. Os atuais dirigentes do E. C. Iguacu, sentindo-lhe de perto os anseios e verificando-lhe as possibilidades, tomaram a firme decisão de continuar a campanha, há muito tempo esperada e desejada, para se criar um quadro de sócios proprietários, como a única provisão capaz de tornar possível a construção de uma sede ampla e majestosa. Todos sabem, já agora, como esta campanha se desenvolveu e ainda se desenvolve, com a realização de festas que surpreendem pelo seu êxito social e financeiro, tal a acolhida e o apôdio de centenas de associados que acreditam e confiam nos altos propósitos da diretoria do E. C. Iguacu, a ponto de lhe proporcionarem meios suficientes de pôr mãos à obra desde já.

Lógico é, portanto, que a Diretoria, já merecedora da confiança dos associados, em sua maioria, para dirigir os destinos do clube, tem-se conduzido com serenidade e equilíbrio, com bom senso e dignidade, procurando honrar o mandato que lhe outorgou mais uma vez o Conselho Deliberativo. O E. C. Iguacu recuperou o seu crédito que em parte se

perdera. Os serviços da Tesouraria entraram em ritmo normal e ficaram perfeitos em sua organização, graças à capacidade e desvelo de seus dirigentes. É uma das seções mais importantes do clube que qualquer associado pode sentir-se orgulhoso de ver como é dirigida com dedicação, capricho e honestidade absoluta. E as festas sociais no clube têm proporcionado às famílias iguaçuanas momentos felizes e encantadores, num ambiente seleto e agradável. Não raro, pessoas de fora que, pela primeira vez, visitam a sede do Alvi-negro, nessas ocasiões não escondem a sua grande satisfação, fazendo referências elogiosas ao clube e à cordialidade e distinção do seu quadro social.

Várias demonstrações, assim, de simpatia, admiração e apôio tem recebido o E. C. Iguacu, pelas glórias conquistadas no passado e pelo trabalho intenso no presente para alcançar novas e esplêndidas vitórias no futuro. Não queremos acreditar, por conseguinte, que haja um movimento da irresponsáveis, despeitados e negativistas, com a intenção de levar o E. C. Iguacu ao descrédito e à ruina completa. E dizemos assim porque não se concebe tal movimento e muito menos se conhecem iguaçuanos de fato com êsses sentimentos de destruição a respeito de um clube, cujo patrimônio é dos mais elevados. E mesmo porque o E. C. Iguacu acolhe todos como membros de uma só família, e de todos, em conjunto, ele precisa para manter a sua posição de relêvo tanto no terreno esportivo como na parte social. Os de que ele não precisa são aqueles que não honram as suas cores, que não respeitam as suas tradições, nem acatam os preceitos da disciplina, da ordem e da moral.

O que pode haver, naturalmente, é quem se oponha, nestas ou naquelas circunstâncias, a determinadas resolu-

ções da diretoria que se movimenta continuamente, organizando festas, incentivando campanhas a benefício do clube ou procurando resolver os seus problemas administrativos. Mas isso acontece na vida de todos os clubes, sobretudo dos que se empenham para conseguir melhores dias no futuro. Nunca, porém pode constituir essa oposição, conscientemente, um caso para se formar um movimento que, amparado na surdina por elementos divorciados do clube pelo coração, venha desmoralizá-lo, além de levar ao desânimo aqueles que o dirigem com boas intenções, empregando todos os esforços, como no caso do E. C. Iguacu, para realçar-lhe os feitos gloriosos e aumentar-lhe o patrimônio, através da realização de um dos seus maiores sonhos — a construção de uma sede condigna, dotada de ginásio e piscina. — L. A.

COMO FOI ASSINADO O CONTRATO

Domingo, dia 13 de fevereiro de 1955, desde cedo, era grande o movimento no recinto social do Alvi-negro.

Aguardava-se a chegada dos engenheiros Raul Pena Firme e Luiz Richard, cuja proposta, de 10% sobre o custo total das obras havia sido apresentada à Diretoria e deveria ser ali discutida pela Comissão especializada. Afinal surgiram os dois, por sinal que acompanhados do engenheiro dr. Gerardo, responsável pelos cálculos do edifício do Ginástico Português, cuja piscina fôra colocada no último andar.

O dr. Pena Firme é alto, forte, e, nos momentos em que lá esteve, saboreou enorme charuto. O outro, dr. Richard, é baixo, calvo, bastante versátil. Este, na maior parte do tempo, fez questão de acentuar sua boa vontade em servir o E. C. Iguacu, clém das considerações que teceu, de ordem técnica, todas favoráveis ao grande projeto:

— Os srs. podem acreditar-me. Gosto imenso desta terra a que me encontro ligado por sentimentos profundos de amizade. Demais, o desenvolvimento que vem alcançando, requer, da parte dos que a amamos, cuidados especiais. Nova Iguaçu já exige a montagem de escritórios para a construção de edifícios modernos. E é o que estamos cuidando, dentro do nosso critério de trabalho e honestidade.

Com bastante desembaraço, ainda, acentuou a significação de uma grande obra como a de que se cuida, presentemente, bem como a sua utilidade para os iguaçuanos de

hoje e amanhã. O dr. Richard pareceu-nos digredir com bastante emoção.

O outro, o dr. Pena Firme, se detinha mais na parte relativa à construção propriamente dita. Achou a piscina muito junto ao ginásio. Questões de umidade. Foram propostas soluções, ao fim das quais arrematou o sr. Cristolino Chaves:

— Dr. Pena Firme, tenho fé em Deus que em 1957, com essa boa vontade dos senhores, teremos o Carnaval já em nosso Ginásio!

— E o aquático também... — arrematou o dr. Pena Firme.

Nesta altura, os presentes não se contiveram. Ao notarem o entusiasmo reinante, os srs. Jair Vina, João Vieira, Artur da Silva, Nelson Belém, Orlando Soctes, cel. Nicolau e muitos outros presentes fizeram estrugir calorosa salva de palmas.

O cel. Nicolau, então, que já sabia da resolução da Comissão de Obras, reunida antes, pede a palavra:

— E eu, como presidente do E. C. Iguacu, de acordo com o parácer da comissão, aceito e homologo a proposta apresentada pelos srs. engenheiros Raul Pena Firme e Luiz Richard.

Nova salva de palmas. Todos se levantam.

O dr. Richard, entusiasmado, sai-se com esta:

— Este velhinho (o cel. Nicolau) tem coragem! E como somos três corajosos, a obra vai sair, e completa, se Deus quiser!

Nesta altura, vários grupos se reuniam. A sede estava cheia. E o churrasco já no fim.

Afinal, os engenheiros se despedem, deixando no coração dos presentes grande alegria, proporcionada pela certeza do desejo de realização e melhoria por parte de todos.

Fôra assinado o contrato para a construção da sede do E. C. Iguacu — D.

2.ª PARTE

VIDA SOCIAL

(CRÔNICAS e outros comentários)

O E. C. Iguacu está na ordem do dia. Não sómente pelo número de festas que realiza, no sentido de recrear nossa mocidade, mas ainda pelas iniciativas que toma, tendentes a colaborar com a municipalidade no que diz respeito a alguns problemas da cidade.

Como é sabido, deverá caber ao executivo local a tarefa de, por todos os meios, estimular o progresso citadino em vários sentidos. Não só no setor cultural, instituindo prêmios literários aos que estudam e se dedicam aos problemas municipais através de monografias, senão ainda em setores outros, tais os decorativos e artísticos que tratam da propaganda e embelezamento locais. Por motivos óbvios, porém, que não convém aduzir, deixa ela de cuidar de tais tarefas para se ocupar de outras que julga, talvez, mais prementes.

Mas ao E. C. Iguacu não cabe tal análise. E' seu dever progredir, proporcionar conforto ao seu quadro social e, também, colaborar com o governo municipal naquilo que estiver ao seu alcance, uma vez que também necessita da cooperação e da boa vontade do executivo para mais depressa alcançar seus objetivos.

E uma das provas de que vem porfiando nesse setor é o concurso que acabou de promover. Com a idéia de estimular os modernos métodos de comércio, ofereceu um prêmio de cinco mil cruzeiros à casa comercial que melhor vitrina

apresentasse, dentro do motivo que escolheu: a construção de sua sede. E aquela que melhor o fizesse, receberia o ga- lardão no dia 17 de novembro, dia festivo, quando o clube completa mais um aniversário de brilhante trajetória.

Bem analisando, o prêmio tornou-se sugestivo, sobre fundamental. Porque uma cidade como Nova Iguaçu já não comporta mais o sistema antigo de propaganda que adota; esse pão-durismo que só serve para afastar de tédio a nova freguesia. Tirante uma ou outra casa comercial, há um grupinho conservador e recalcitrante que não procura melhorar o aspecto de suas vitrinas por coisa nenhuma, embora já se tenha dito que uma cidade de belas lojas e acesas é como uma mulher bonita. Que assim como o batom, o carmin, o pó de arroz, etc., são indispensáveis a ela, tudo o que enfeita uma cidade deve também ser cuidadosamente adquirido e aplicado. Todos sabemos quão importantes e necessários se tornam tais cuidados.

Entretanto, o que se observa, salvo algumas exceções, é um descaso que não se justifica, por ser prejudicial. Talvez por desestímulo.

Mas o E. C. Iguaçu, agora, apareceu. E em boa hora, para levar nossos homens de comércio a ornamentar suas montras. Ofereceu-lhes o prêmio de cinco mil cruzeiros, o que representa não só grande incentivo, mas também contribuição valiosa para a apresentação e desenvolvimento de nossa cidade, sem perder de vista o objetivo que tem em mira, de chamar a atenção do povo para a sua grande obra — a construção da nova sede, com piscina, campo de vôlei, tênis, pingue-pongue, arco e flecha, xadrez, futebol de salão e inúmeros outros departamentos necessários à vida social e desportiva desta cidade.

A PRIMAVERA E O E. C. IGUAÇU

A Primavera é estação inconfundível.

Aqui em Nova Iguaçu, então, onde dominam os vergéis e laranjas em flor, é fácil pressentir o seu começo. Ora, são os pássaros que cantam nos beirais, pela manhã, anuncianto o arrebol. Principam mais cedo que nas outras estações. Acordam-nos em dobrados mais intensos, à hora do rosicler. Ora, são as buguevília ou três-marias que, com os cachos coloridos, se derramam pelos muros e telhados, enfeitando as alturas de pétalas. É um espetáculo diferente das outras estações. Como diria o poeta, a natureza, então, perpétuamente em festa, é como um seio de mãe a transbordar carinhos. Há muita vida no chão. Bastante vida há nos ninhos, entre os ramos inquietos.

Pássaros e flores, árvores e rios, nuvens e insetos dão-se as mãos para o bailado da primavera, que dura três meses, neste hemisfério sul.

Dir-se-á ser o mês em que o Criador instila a poesia na própria obra. Há murmúrio em tudo, há uma festa de cores e sons.

Em Nova Iguaçu, onde há ambiente para tudo, a Primavera tudo transmuda. Até nos jornais pressente-se a sua influência. Os aniversariantes são os mais alegres. As festas são as mais animadas. E até no concurso se escolhe a que, realmente, tenha sorriso primaveril.

Os votos são apurados. E aquela que maior número os reunir, é coroada por encarnar a estação em nossos rincões. Há uma festa em que dominam as flores e nos encontram as músicas. Prêmios são distribuídos. Os rapazes

se enfarpelam a rigor para homenagear a mais bela e jovial de quantas vivem entre nós, por decisão de juízes. O E. C. Iguacu, sociedade da elite, se engalana todo. Na escadaria de mármore é colocado o rubro tapete, por onde os associados desfilam de par em par.

Onde quer que se vá, há grande bulício. São as festas da primavera.

Este ano venceu a sra. Luiza Ferraz de Almeida Morais, jovem de olhos claros, oriundos do próprio mar. Já antes, no concurso internacional de beleza, vencia a sra. Marta Rocha, de olhos azuis, da côr do céu, em que se condensavam todos os sonhos de uma adolescente, todos os encantos e esperanças do Brasil. Agora, entre nós, ganha esta moça de olhos verdes, do tom dos oceanos cheios de profundezas, de beleza e de mistério, o que vem demonstrar a influência das côres no abismo dos corações.

Sem dúvida, a beleza dos olhos é a mais penetrante. E sendo verdes, então, poucos hão-de resistí-la.

E isso talvez explique as razões da vitória da sra. Luiza, nesta estação com que se encontra em perfeita sintonia, e que o E. C. Iguacu festejou, promovendo em seus salões uma festa elegante e a que compareceram as mais belas flores que ornamentam o nosso meio social.

Coisas da Primavera! — D.

APROXIMA-SE SÃO JOÃO

Com a aproximação de junho, aproxima-se também São João, ou melhor, as festas juninas, para as quais, no E. C. Iguacu, preparam vasto programa.

Como sabem, as festas deste gênero são as mais graciosas e poéticas de quantas realizamos em nosso meio. Em torno delas, há grande entusiasmo.

Nem mesmo o Carnaval, festa tipicamente popular, se lhe compara em beleza, simplicidade e encantamento. A moça da rua Antônio Carlos, por exemplo, não gosta de Momo. Mas não quer perder as festas "da roça". Talvez porque S. João seja a criatura mais simples que habitou a terra. Sua vida é o exemplo que a igreja dá. E a tragédia que a envolve, a grande lição, pois o gesto de Salomé é algo mais que uma vingança contra o homem que lhe atirou à face os pecados.

A história da cidade de Makeros ficou para o mundo como a prova de que não existem forças capazes de vencer a resistência de uma alma iluminada pela virtude. E daí, a eternidade de São João...

A modéstia e o silêncio de sua vida, evocados hodiernamente pelas bombas ruidosas do nosso vizinho Adrianino e do longínquo Ramalheda, nos deixam entre admirados e boquiabertos...

Não compreendemos a razão de tanto alarido na comemoração de quem sempre gostou do silêncio e de comer gafanhoto. No recesso dos lares, no centro dos quintais ou dentro dos salões do E. C. Iguacu é onde se devem colocar as criaturas e fazer arder as fogueiras. Porque, se caseiro foi São João, assim deve ser também a recordação do que ele foi. E nada melhor que o nosso ambiente iguaçuano, cheio de picanas e laranjas em flor, para a comemoração do grande dia. Gengibira, cuscus, aipim e aluás, eis o que convém a tais noites claras a que não faltam o luar e a viola, os baiões e a quadrilha e pelas quais tanto se esfalfam o "Coronel", Cristolino, Alceu e o Brandão. São festas a que todos devem comparecer, senão com a barbicha caipira do Orlando Soares, pelo menos com o coração alegre e o bom humor à vista. Porque são festas nacionais, representadoras de nossa tradição, cheias de beleza e poesia. — D.

MUNDANISMO

POR MAGNOLIA

Como acontece todos os anos, realizou-se nos salões do Esporte Clube Iguacu o tradicional Baile da Primavera, no qual foi coroada rainha a bela sra. Luiza Ferraz de Almeida Moraes. Tivemos a abrilhantar a festa a famosa orquestra de Napoleão Tavares, que na opinião geral apresentou um ótimo repertório. Como sempre, as senhoras e senhoritas primaram pela elegância. Dentre os modelos mais belos destacava-se a graciosa rainha Luiza com lindo vestido branco. A saia compunha-se de três fartos babados de tule de nylon, busto de renda com alça passando por trás do pescoço. Sua cabeleira castanho escuro penteada em bucles dava-lhe uma graça tôda especial.

Pelo braço do sr. Panela, que aliás estava muito distinta em seu "smoking", surgiu a nossa princesa sra. Marlene Soares trajando um vestido azul, trabalhado em diversos babados, sendo um em organdi bordado, outro em organdi bordado, outro em organdi liso, porém plisado, e assim sucessivamente. A outra princesa, sra. Auta dos Reis, num vestido de tule de nylon, também azul, lembrava justamente um céu de primavera, agora que está com seus cabelos quase louros.

O casal Jair-Regina Viana, ele muito elegante em seu "smoking", ela num vestido de nylon negro, bordado, sobre fundo verde, quase não dançou.

Quem chamou a minha atenção foi a sra. Yeda Pestana com um belo vestido confeccionado em tafetá de seda pura.

O dr. Nilton Fernandes, envergando um "smoking" de corte impecável, chegou depois da meia noite, acompanhando sua esposa sra. Ieda Fortes Fernandes, que trajava um vestido azul de organdi suíço bordado a branco.

A sra. Nini com uma "soirée" negra com aplicações da mesma côr.

Os brotinhos Elizabeth Lopes, Magali Soares, Gilda de Moura e outros cujos nomes não me ocorrem, graciosíssimas em seus modelos juvenis.

O sr. e sra. Cristolino Chaves estiveram muito animados. E por hoje é só.

A FLÂMULA

A nova e maravilhosa flâmula que o Esporte Clube Iguacu acaba de lançar na praça tem despertado muita admiração em grande número de pessoas que, embora não pertencendo ao quadro social, acorrem à sede do glorioso, à procura do tão magnífico e original galhardete.

No ensejo desta oportunidade, podemos dizer em linhas gerais que a nova peça triangular foi feita com raro bom gôsto artístico, tendo partido esta iniciativa do espírito dinâmico e inteligente de meu particular amigo, dr. Deoclécio Machado Filho, que teve a idéia de, através da mesma, tornar conhecido o majestoso projeto da nova sede.

Assim, portanto, a primeira e única flâmula acaba de oferecer uma imagem perfeita da esplêndida obra.

O E. C. Iguacu, dêsse modo, não poderia permanecer indiferente àquêle grande colaborador de vez que, tendo ele se aliado às suas cores, vem proporcionando grande incentivo e entusiasmo aos que participam da grande campanha. Dando o melhor de seus esforços e de sua capacidade de trabalho, muito tem contribuído para o engrandecimento do nosso querido Alvi-negro.

MOACIR JOSÉ FERREIRA

PROGRESSO E CONSTRUÇÃO

Construir não é fácil. Ainda mais em se tratando de uma obra da envergadura da que o E. C. Iguáçu pretende erigir.

Conforme é do conhecimento de todos, o Alvi-negro, através de sua Diretoria, está no firme propósito de proporcionar aos seus associados, não só maior conforto, mas ainda aquilo que de melhor existe para a educação do corpo e do espírito. Do corpo, pela sua seção desportiva, bem equipada e bastante variegada; do espírito, pelas suas reuniões sociais, literárias, pela representação de peças teatrais que dão lugar às manifestações de cultura e inteligência.

E como membro integrante da Comissão de Construção do Alvi-negro, sinto-me satisfeito em poder colaborar para tão grande obra. Porque é justamente para o futuro que devemos olhar, desejando para os nossos filhos o ambiente sadio que elas devem merecer.

Assim nesta altura em que vão os empreendimentos, sinto-me — como já disse acima — bastante alegre ao ver o andamento dos trabalhos. O esforço de muitos. E, principalmente, o grande ideal que anima aqueles que, como eu, se entregam à tarefa de pugnar pelo progresso e pela grandeza do E. C. Iguáçu.

ARTUR MAURÍCIO DE LEMOS

COMEÇOU A CONSTRUÇÃO DA SEDE

Afinal, depois de inúmeras dificuldades, decorrentes da grandiosidade do projeto, foi iniciada a construção da sede do E. C. Iguáçu.

Assinado o contrato com os engenheiros Raul Pena Firme e Luiz Richard, nada mais resta ao Alvi-negro senão

aguardar o término da mesma, a fim de oferecê-la aos seus associados. Principiará pelo ginásio e piscina, prosseguindo-se a seguir, até a conclusão final.

A série de contratemplos que surgiu dependeu menos da diretoria do que mesmo da própria natureza do projeto, em estilo moderno e, por isso mesmo, mais complicado. A cobertura do Ginásio de Basquete, por exemplo, exigiu firma especializada para a sua efetivação, bem como concorrência de preços, cálculos de estrutura, etc. Depois, advieram os problemas atinentes à aquisição de ferro e cimento. A seguir, o nome de uma firma idônea que aceitasse o encargo da construção, — tudo isso passando por uma comissão de obras composta de opiniões exigentes e heterogêneas.

Mas, finalmente, foi atingida a última etapa para o inicio. Foi o projeto entregue aos engenheiros. E estes já iniciaram suas atividades.

Portanto, é chegada a fase em que não podem faltar o apoio e o incentivo de todos.

Parabens ao E. C. Iguáçu e aos seus associados! — D.

SEM TÍTULO

Certa ocasião, procurando por antigo gráfico de "O Cruzeiro", morador há muitos anos nesta cidade, recebi honroso convite para fundar uma revista de sabor tipicamente local. Chamar-se-ia "Terra Iguazuana" e divulgaria o pensamento e a atividade de todos os elementos progressistas aqui residentes. Seria uma coisa nova dentro das velharias que infestam o Município.

ACEITEI. E, como primeiro passo, dirigi-me aos que escrevem e colaboram nos órgãos locais, não só para comunicar-lhes o evento, mas ainda para solicitar-lhes a colab-

boração, visto como seria um órgão ilustrado, com aspecto de revista, capaz de interessar a toda gente.

E aprovaram. Tão logo acabei de traçar os planos, principiaram os de boa vontade a enviar-me os escritos. Crônicas, poesias, novelas, reportagens, tudo começou a chegar-me às mãos em quantidade. Seria a primeira vitória.

Mas, como sói acontecer algumas vezes, por artes do destino, surgiu um óbice: o financiamento. Estudante, ainda, com compromissos de livros, de montar biblioteca, não podia arcar com as responsabilidades da nova edição, que importaria em grandes despesas. Teria de arranjar um responsável, ou melhor, um sócio capitalista.

E aí é que a publicação se deteve. Foi obstaculada, como já se diz hoje em dia.

Os originais, até chegarem a quem se interessasse, com o recurso suficiente, passando de um a um, acabaram por desaparecer. Muitos queriam ler, tomar conhecimento do que se procurava fazer, verificar seu conteúdo, até onde seríamos capazes. Mas auxiliar, mesmo, não queriam, como até hoje não o querem certas figuras decorativas de que Nova Iguaçu anda cheia.

Hoje, quando vejo êste livro circular, rico de colaboração e conteúdo, fico a pensar naquele tempinho que se foi... É um sucedâneo de "Terra Iguaçuana". E principalmente no benefício que o E. C. Iguaçu prestará à sociedade, não só divulgando a cultura e a inteligência de todos os seus componentes, mas ainda recreando com publicações ilustrativas!

Como é grande o Alvi-negro!

Como é imensa a sua obra! — D.

UM GRANDE HOMEM

Como diretor e amigo do Esporte Clube Iguaçu que sou, valho-me desta oportunidade para apresentar ao sr. Antônio Vaz Teixeira, nome que escrevo com profundo respeito, cujo caráter íntegro é um livro aberto, os meus cumprimentos. Não apenas pela sua colaboração, cedendo o Cine Iguaçu, de sua propriedade, para que ali se realizasse uma demonstração de "ballet", em prol da nossa campanha, mas pela maneira como o fez.

Não tenho laços de amizade com o referido senhor, não pretendo bajulá-lo, — êsse não é meu feitio, — apenas, como iguaçuano, conheço a situação da gente da minha terra, e sei que Antônio Vaz Teixeira atravessa no momento fase de grandes compromissos de ordem comercial, dado o vulto de suas realizações; não só nesta cidade, em Mesquita, Reclengo, como também no município de Nilópolis, formando, assim, uma cadeia de belas e confortáveis casas de espetáculos, visando antes e acima de tudo bem servir ao povo iguaçuano.

E, pois, êsse brioso lusitano, que logrou vencer à base da simpatia e da honradez, dado o espírito realizador que o caracteriza e que não obstante os compromissos apontados, interrompe duas sessões cinematográficas consecutivas, para cooperar inteiramente gratis com o Esporte Clube Iguaçu em sua vitória campanha, incluindo-se ainda o serviço de seus auxiliares, cuja valiosa colaboração agradeço em nome do meu clube.

E de se concluir que para Vaz Teixeira o dinheiro não é tudo, tal não lhe corre nas veias. Falar-lhe mais alto o instinto amante das boas causas, exigindo-lhe muita vez sacrifícios que não são por êle avaliados, visto ter-se habituado a dizer **sim** aos que já o convocaram a partilhar dos pro-

blemas da terra iguaçuana, que tem a ventura de acolher tão grande homem.

Que Deus o abençõe, são os meus votos.

JAIR VIANA

APROXIMA-SE O JUBILEU

Exatamente a 12 de novembro de 1954, completou o glorioso E. C. Iguacu mais um aniversário. Representaram 42 anos de atividade, em benefício dos que trabalham e convivem em Nova Iguacu e adjacências.

Quem quer que aqui resida, não poderá ignorar a utilidade que ele significa para as gerações futuras do nosso grande Município. O trabalho de eugenização através do desporto e de aprimoramento social, sómente em seu recinto têm sentido objetivo. Porque nos seus salões é que se reúnem os valores que caracterizam o nosso meio.

Por conseguinte, ninguém que se dê, por gôsto ou por sociabilidade, ao hábito de frequentá-lo, poderá deixar de auxiliá-lo nesta campanha em que quase todos nos empenhamos. O E. C. Iguacu precisa soerguer-se, requintar-se à altura do progresso local, da digna sociedade que o compõe.

Mais um pouco, com a sede social já concluída, modernizada, comemorará seu jubileu, o quinquagésimo aniversário de exercício ativo, em prol da sociedade que o criou e de que constitui a expressão mais alta.

Será um dia festivo, engalanado, em que suas paredes, jardins e cumiadas atestarão o esforço, o pensamento e a dedicação dos que vivemos nesta terra.

Mais oito anos e poderemos todos vislumbrar os novos caminhos para a mocidade de que o nosso querido país deve ser o maior e mais lídimo usufrutuário. — D.

FUTEBOL DE SALÃO

Cerimônia de grande emoção foi a que precedeu o torneio de "Futebol de Salão" na quadra de basquete do E. C. Iguacu. Valorosas equipes desfilaram pelo campo, tendo à frente a gloriosa bandeira Alvi-negra, conduzida pela gentil senhorita Nélia Lavinhas, que se fazia acompanhar das madrinhas dos times participantes, contagiadada pelo entusiasmo da grande torcida que lotou a quadra e pelos foguetes que estrugiam, enchendo o céu de lágrimas multicores. O ambiente era inegavelmente festivo e atraente.

Houve um entusiasmo marcante, bem como invulgar animação durante a realização da primeira série do movimentado torneio que culminou com a vitória dos rapazes da valente equipe "Brasil". E muito merecida foi a vitória da que se sagrou campeã do torneio, no qual se disputavam as ricas medalhas oferecidas pelo sr. Ary Schiavo, atual prefeito do Município.

Através das páginas dêste livro, não poderia deixar de felicitar os componentes da equipe "Brasil" pelo grande êxito alcançado e fazer votos para que consigam novas e brilhantes vitórias.

MOACIR JOSÉ FERREIRA

UM POUCO DO PRESENTE E DO PASSADO

E' com satisfação, com orgulho mesmo, que tomamos da pena para rabiscar algo sobre o nosso querido E. C. Iguacu. Afastado que estamos de suas atividades sociais, não deixamos, porém, de lhe acompanhar o desenvolvimento que, de uns tempos para cá, se agigantou com a decisão firme que tomaram os seus atuais dirigentes: a da construção da nova sede social.

Essa equipe de abnegados, incansáveis e dedicados sócios, cheios de boca vontade de vencer, tem sido feliz em todas as suas organizações para auferir numerário, a fim de fazer face às naturais despesas de tão grande obra.

E' justo que se diga que ela tem lutado sem desfalecimento para alcançar o almejado. Os seus componentes vêm trabalhando com aquêle entusiasmo que contagia, e verificamos que têm sinceridade de propósito e certeza no dia da vitória que se aproxima.

Não estamos fazendo parte dêsse movimento porque, devemos dizer, motivos independentes de nossa vontade não nos permitem. Senão, ali estaríamos para cooperar com essa turma que não tem olhado os obstáculos que se lhes antepõem na heróica caminhada.

Quero, nesta oportunidade, recordar o nosso E. C. Iguacu da antiga rua Capitão Chaves; aquela sede simples onde se reuniam os jogadores após os jogos; aquela grade de madeira em que se lia: "Sport Club Iguassú"; aquêle banheiro acanhado onde víamos de longe, — naquela época a nossa admiração de garoto era para os "cracks" da casa — entrar, suarentos, um de cada vez, é lógico, Avelino, Adriano, Astolfo, Alarico, Artur Silva, Estácio, Edgardinho, Belmiro, Tatú, Cristolino e outros. Desses "players" do passado bem poucos ainda estão entre nós. Dos outros, guardamos sómente uma grande saudade.

Na praça de esportes, que era então ali nas proximidades do atual Colégio Leopoldo com a sua arquibancada de fôlhas de zinco, realizavam-se célebres festivais. O campo se engalanava com bandeirinhas, e as moças e os rapazes nos divertiam e se divertiam também com as alegres provas de corrida do saco, do ovo na colher, etc. E não nos devemos esquecer do clássico chapéu de palha do nosso atual

"presidente perpétuo", cel. Nicolau Rodrigues da Silva, esse batalhador incansável do clube.

Vale lembrar, também, de nosso quadro, ostentando camisas de meia que, naquela época, custavam na então "Nova Mundial" apenas a importância de 1\$800 cada uma. Nesse time tínhamos o concurso de: Deoclécio, Paulo, Luiz, Waldemar, Alberico, Antônio, nós e outros "cracks". O escudoso ferreiro Agostinho é que nos mitigava a sede no outro lado da linha, nos momentos de intervalo das "peladas".

São essas gostosas recordações que estão ligadas ao Alvi-negro de tantas tradições e que hoje se acha engrandecido e prestigiado graças ao dinamismo de uma plêiade de sócios que têm sabido honrar o clube a que se ligaram de corpo e alma.

RUI BARBOSA MARTINS DE AZEREDO

CARNAVAL DE SALÃO

O Carnaval, êste ano, teve o seu ponto culminante proporcionado pelos maravilhosos bailes do E. C. Iguacu. Durante as três noites de Momo, em que a sociedade local se divertiu a valer, desfilaram não só belas fantasias, senão ainda numerosos blocos de moças e rapazes, que mostraram a alegria inata dos foliões.

Embora a natureza acorresse em favor dos préstimos, impedindo a chuva que prejudica as decorações dos carros alegóricos e afugenta o numeroso público assistente, o que se viu foi isoladamente um ou outro bloco bem organizado, como o "Vieiros do Nada", do Quincas Vaz Martins, que assim mesmo procurou o recinto do Alvi-negro para se divertir, por serem seus elementos ao clube pertencentes.

Não obstante a Prefeitura e o comércio locais haverem contribuído para uma ornamentação diferente, e chegassem, mesmo, a levantar belo coreto, por artes de bons decoradores, o Carnaval de rua, nesta cidade, não proporcionou grandes atrativos.

Sómente o interno, através do E. C. Iguaçu, ofereceu as características de um bom tríduo, não só pela seleção do pessoal, mas ainda pela excelente e indispensável colaboração da orquestra, de par com o conforto de cada um associado, em suas mesas, junto aos seus.

Conforme se vê há uma tendência fatal para o arrefecimento do Carnaval nas ruas, por falta de incentivo e de boa organização.

Enquanto isso, o Carnaval dos salões vai se desenvolvendo em proporções cada vez maiores, para a alegria de quantos o podem usufruir, por pertencerem a uma entidade prestigiosa e organizada como é o E. C. Iguaçu.

DE PARABÉNS, AS JOVENS !

As jovens do E. C. Iguaçu, assim como de outras partes d'este imenso Brasil, estão de parabéns.. Pela lição que têm dado aos homens.

As daqui, pelo que têm contribuído para o desenvolvimento da campanha pró construção da nova sede do Alvi-negro, emprestando, com a sua graça, inteligência e encantamento, o necessário brilho às festas que o clube realiza. E também pelo esforço pessoal que empreendem em diversos setores desportivos como o de basquete, volei, arco e flexa, etc., a que se encontram ligadas e em que são exímias. A contribuição feminina, nesta fase por que atravessa o Alvi-negro, tem sido inestimável. O que, na qualidade de diretor, não podemos deixar de reconhecer.

As de fora, para seguir a mesma ordem de idéias, também as felicitamos pelo que têm feito em bem do nosso imenso país.

E todos estamos lembrados: Até bem pouco tempo, o futebol, ao lado do café, constituía o nosso principal produto. As jovens permaneciam de lado. O renome internacional do país, à falta de melhores títulos, repousava sobre as pernas dos craques patrícios, e a esperança de todo o povo dependia da eficiência combativa desses membros inferiores.

Depois, veio o desastre suíço. Os jogadores nacionais, por mil e uma razões, algumas das quais a própria razão desconhece, não foram lá das pernas. E o prestígio universal do Brasil sofreu um rude golpe, com a derrota frente aos húngaros.

Agora, entretanto, eis que um par de pernas, um rosto angélico e um busto diante do qual se ajoelha a geometria euclidiana, restauram a importância brasileira no concerto das nações. Marta Rocha, a baiana loura, pedaço de céu que a providência fez nascer em berço esplêndido, acabou de conquistar o segundo lugar na disputa do título de "Miss Universo". A excelência da láurea é indiscutível: ao páreo concorreram as mais belas jovens de todo o mundo e um segundo lugar, nesse caso, é alguma coisa que restaura o orgulho nacional, ao som do mar e à luz de um céu profundo...

O futebol cedeu lugar à beleza, e o que não fez Zezé Moreira em paisagem helvética, depois de tanto treino, soube fazê-lo a lourinha baiana com o seu sorriso, suas pernas e seu tudo.

Durante muito tempo, o título oscilou entre a representante brasileira e a linda ruiva da Carolina do Sul. Acabaram os juízes por escolher a americana, e a nossa Marta Rocha obteve honrosíssimo segundo lugar, porque não fôra ambiciosa. Não fizera o regime que lhe diminuiria as pernas e lhe daria a glória. Por isso, claro está que não po-

deremos dizer dos juizes, o que foi dito de mister Ellis. E fiquemos felizes com o resultado do páreo da beleza, pois, à medida que soubermos perder, com verdadeiro espírito esportivo, estaremos preparando-nos para futuras vitórias.

Que aliás já são presentes e futuras, haja vista a esplêndida vitória do time brasileiro feminino no campeonato brasileiro de basquetebol, o que demonstra estarem os homens superados pelas jovens...

E' o que estamos vendo, também nesta cidade dos laranjais onde elas vão tomando as melhores e mais louváveis iniciativas! — D.

CONFIDÊNCIA DE UMA NOVA ASSOCIADA

— Abandonei-o ontem! Deixei-o por outro! Haverá quem diga que agi mal, que devia continuar com aquêle com quem vivi tantos anos. Mas era impossível! Fiz tudo o que se achava ao meu alcance para suportá-lo, para sentir-me bem com êle... Tudo foi inútil. E agora, abandoná-lo definitivamente por outro... E quem acreditava? Não estou arrependida... Ao contrário, sinto-me imensamente feliz!

Já nem me lembro do dia em que o conheci... Sei apenas que foi num baile, talvez de seu aniversário. Recordo-me vagamente de que fiquei muito alegre. Gostei dêle assustadoramente. Era tal qual eu havia sonhado: sério, distinto, elegante. Quem diria que a seriedade e a distinção de sua elegância, não passavam de uma careta escondendo más entranhas?... Recordo-me de que, enquanto foi meu, me senti a moça mais feliz do mundo!...

Mas tudo isso sucedeu há muito tempo, e por culpa dêle estes últimos seis meses foram para mim seis séculos de amarguras, contrariedades e incertezas, durante os quais as piores coisas que podem suceder a uma moça que sonha

com a felicidade, sucederam a mim. E já não mais acreditava nêle, foi-me impossível continuar a suportá-lo.

Enamorei-me de outro e deixei-o por aquêle em quem confio, que me dá segurança, e que jamais me dirá qualquer mentira. Alguns dentre vocês julgarão mal minha atitude. Mas não importa! Fui eu a única a sofrer tanta falsidade.

Agora sou feliz, muito feliz... Feliz como só o pode ser uma jovem bonita, mas que necessita de segurança.

Abandonei-o e não me importa, pois êle era um Clube "Pechincha" e êste novo, — o Esporte Clube Iguacu — é um clube de qualidade que já se tornou uma necessidade indispensável para mim.

CASAL JOSÉ DE MOURA, SALÕES DO ESPORTE CLUBE IGUAÇU, DEBUTANTE A SENHORITA HELENA DE MOURA

Num elegante vestido azul, com incrustações de pedraria branca, foi a senhorita Helena Moura apresentada à sociedade por seus progenitores, o casal José de Moura. Por entre um sem número de convidados deslizou pelas salas, espalhando "charme" de que é uma verdadeira possuidora. Cêrca das vinte e uma horas lhe foi entregue a carteira social pela passagem do seu aniversário, oferta do senhor Nelson Belém. Em seguida ao corte do bolo, ornamento de um bom gosto sem par, teve início o baile, sendo a primeira valsa dançada pela debutante e seu pai, seguida entre muitos outros, pelos pares: Dr. Ataíde Pimenta e filha, Cristolino Chaves e Sra. Marlene Soares. Oportunamente registramos a presença dos elegantes casais Manoel Quaresma e Sra.; Cristolino Chaves e Sra.; Orlando Soares e Sra.; Orlando dos Santos e Sra.; Oldemar Chaves e Sra.; Orlando Paulo dos Santos e Sra. Helio de Carvalho e Sra. Ventura Martins

Duarte e Sra.; Francisco Baroni e Sra.; Vicente do Amaral e Sra.; Jcir Viana e Sra.; Antonio Carlos e Sra.; Agenor dos Santos e Sra.; e outras altas figuras da nossa "society". No final o progenitor da debutante, em improviso, agradeceu a antiga diretoria do E. C. Iguacu as atenções dispensadas, exaltando o nome do Sr. Jair Viana que tudo fez para o brilhantismo da recepção.

IGUAÇU "CHARMANT"

Decididamente o E. C. Iguacu merece o título de Iguacu "charmant", não acham? De algum tempo para cá seus associados andam numa linha impecável! A última dominiqueira lembrava mais um desfile de modas. Quanta elegância!

A sra. Marta Pimenta estava com original modelo, tirado de um desfile em Copacabana; as sras. Alzira e Eneida Coutinho apresentavam-se: a primeira com um vestido de linho azul pálido com aplicação de "guipure", e a segunda, com belíssimo vestido de corte princesa; a sra. Marta Vaz Martins chamava a atenção pela beleza do seu modelo em organdi Bangu verde, com bordados brancos; a sra. Maria de Lourdes Matos com vestido de fustão, estilo princesa; a sra. Teresa Calazans com gracioso modelo de seda amarelo-claro; a sra. Adiléa Costa, num vestido branco com delicada estamparia preta, dançava animadamente com seu noivo; a bonita sra. Sônia Marques, agora mais delgada, com elegante modelo de tafetá sêda pura, sendo a saia em "plissé" acordeon; a sra. Geraldina estava com um "flat-look" azul, e a sra. Miriam Cunha num vestido de talhe justo, muito bonito. Os brotinhos Luci Fortes e Marlene Matos, que ainda não fizeram o seu "debut" oficial, dançavam seguidamente.

As sras. Regina Viana, Ieda Fortes Fernandes e Albertina Chaves com "tailleur" lilás, "tailleur" de linho verde e vestido de flamengá branco, respectivamente, permaneceram com seus esposos no clube até uma hora da madrugada, em animada palestra. A sra. Amelia Belém trajava linho branco; a sra. Neusa Teixeira surgiu num original costume branco, modelo Ava Gardner, sapatos e brincos também brancos. O elegante sr. Orlando Soares acompanhava sua esposa, sra. Julia Soares e suas filhas Marlene e Magali, graciosamente trajadas; o sr. e sra. dr. Mário Soares estavam bem animados.

O deputado Getúlio Moura (se comparecesse com mais frequência à sede, estaria no rol dos dez maiores vestidos do ano) representou o sr. Ari Schiavo, fazendo, juntamente com os srs. Gumercindo Fernandes Bouças, Raul Antônio da Silva Jr., Domingos Panela e Sílvio Sampaio Diniz, a entrega das medalhas que ofertaram aos participantes do Torneio de Futebol de Salão.

MAGNOLIA

SALVE A QUADRILHA!

Tinha razão minha avózinha, quando dizia que a quadrilha era a mais bela dança do seu saudoso tempo.

Eu, que nunca havia assistido a uma verdadeira quadrilha, ou melhor, a uma quadrilha bem dançada, com ligeiro sorriso de condescendência, fazia-lhe córo, para não desgostá-la nos seus últimos anos de existência.

Pobre vovózinha! Partiu dêste mundo sem ouvir de mim com tôda a sinceridade que me distingue, a confirmação desta verdade inofensível e inconteste: — A quadrilha é, de fato, a mais bela dança do século passado, injustamente relegada ao quase esquecimento, para não dizermos — a um plano de inferioridade.

Esta dança extraordinariamente bela, nascida nos palácios, criada para gáudio dos reis, príncipes e cortezãos, fôra preterida em favor dos tangos, boleros e "fox-trots", sem se falar no excitante mambo, no batão e outros tantos ritmos extravagantes, tremelicantes e sensuais.

Orá, perguntará alguém por que só agora esta cronista se convenceu da veracidade das palavras da vovózinha?

Direi, então: — Porque só agora tive a feliz oportunidade de assistir a uma verdadeira quadrilha, dançada com todos os requintes de elegância, onde os pares, senhores absolutos da situação, primaram pelo donaire, emprestando ao recinto um certo quê de senhorial, que a todos empolgou.

Posso afirmar que, se minha santa vovózinha se encontrasse ainda sobre a face da terra, haveria de exultar de contentamento ou chorar de emoção, assistindo a tão perfeita reconstituição das quadrilhas que tanto a embeveceram.

Os menos esclarecidos, inquirirão: — Onde a cronista contemplou este verdadeiro espetáculo, a julgar por suas entusiásticas palavras?

— Ainda não adivinharam? — indago eu. Foi no E. C. Iguaçu, o conceituado clube da elite local.

Este modelar centro de recreação é um exemplo de disciplina e coesão. É admirável o dinamismo, a fôrça propulsora da sua digna Diretoria. Haja vista o grande êxito das excelentes festas juninas, de recente memória.

A primeira, que se verificou a 19 de junho, realizou-se no próprio clube, onde tivemos o chamado "Baile da Chita", propiciado exclusivamente aos associados e suas famílias. Foi no transcurso desta noite magníficente que fui possuída da mais viva admiração pela mais bela dança do século XIX. As moças, belamente ataviadas, com seus originais vestidos, demonstraram sobejamente seu apurado gosto.

Foi difícil a escolha dos três mais interessantes dentre os dez mais selecionados. As vitoriosas no concurso foram

entregues valiosos prêmios, oferecidos pela diretoria do clube.

As outras duas, denominadas "Uma noite na roça", tiveram lugar no espaçoso ginásio do Grupo Escolar Rangel Pestana, ambas concorridíssimas.

A última, dedicada aos filhos dos associados, foi um autêntico espetáculo. Nêle, a graça ingênua e desprestenciosa da garotada, aliada à viva inteligência, se fizeram notar na execução da quadrilha, que não apresentou o menor deslize, não obstante os poucos e rápidos ensaios.

Estão de parabéns, pois, os organizadores destas festas, onde nada foi esquecido para o seu estrondoso êxito final.

HERCY CHARPINEL GAMA

PROF.^a NERÉA NOGUEIRA E SUA COLABORAÇÃO ARTÍSTICA

Nova Iguaçu, para consolidar, como cidade e município, a posição de relevo que já ocupa, não só no Estado, mas ainda em todo o Brasil, devido à densidade de sua população e também ao extraordinário desenvolvimento de sua indústria e comércio, precisa ainda de muitas realizações indispensáveis, principalmente no terreno artístico e cultural, em proveito da sociedade iguaçuana, de sua distinção, elegância e apuro.

Uma pessoa que nos visite e observe o meio em que vivemos fica com a impressão de que a nossa cidade é um corpo sem alma, crescendo em braços, músculos e fôrça, mas atrofiando-se em espírito, sem oportunidade de lhe conhecer as coisas grandiosas e belas. E' que não temos ainda nesta terra tão boa, acolhedora e querida, que prende naturalmente todos os que, vindos defora, chegam a conhecê-la

de perto, uma biblioteca pública, um teatro de amadores, um grêmio literário, um museu de arte, um centro musical... Afora os clubes que possuímos, em precárias condições atualmente e que, por isso mesmo, fazem esforços para se desenvolver a par da cidade, a fim de oferecerem o conforto necessário aos associados; afora também os cinemas que constituem hoje em dia a diversão mais popular, o iguaçuano não tem onde ir para uma convivência social diferente e mais ampla, para se recrear e se instruir.

Por isso, temos só que aplaudir a colaboração valiosa da prof.^a Neréa de Assis Nogueira, que há mais de um ano vem colocando os seus conhecimentos artísticos e sobretudo o seu idealismo à disposição das crianças e das jovens iguaçuanas, para orientar-lhes a educação nesse sentido. Dama de fino trato e pensamentos elevados, a prof.^a Neréa de Assis Nogueira, desde muito jovem, na escola que frequentou no Rio Grande do Sul, aprendeu danças clássicas e ginástica rítmica, simplesmente por amor à arte. Executando o bailete, levando a sério os exercícios e interpretando com alma os números que lhe destinavam, estava certa que se desenvolvia bem fisicamente, que aprimorava a sua educação na sociedade que se instruía e criava um mundo de graça e elegância, de harmonia e beleza em torno de si. Depois, tornando-se moça, casou-se com o sr. Mário de Assis Nogueira, hoje major do Exército, teve o sonho de um lar feliz feito realidade, constituiu família com todo o carinho, mas não se esqueceu de sua arte, não perdeu o amor que lhe dedicara desde a juventude. Fez-se, assim, professora de danças clássicas e ginástica rítmica, com o mesmo gosto, idealismo e entusiasmo do passado, tomando a si o trabalho paciente de guiar muitas crianças e jovens, inclusive as suas filhas, nos primeiros passos do bailete.

Em agosto do ano passado, na sede do Esporte Clube Iguacu, que lhe fôra cedida especialmente, a prof.^a Neréa de Assis Nogueira dava as aulas iniciais de danças clássicas e

ginástica a um grupo de crianças que lhe haviam confiado. E com tanto acerto e confiança, com tanta persistência e firmeza de propósitos ela se houve, que três meses depois, por ocasião do aniversário do Clube, fez em público a primeira exibição de suas alunas, mostrando-nos as vocações artísticas que havia aqui e, através daquelas crianças que se iniciaram na arte do bailete, os conhecimentos da professora idealista postos em prática. Não ficou a prof.^a Neréa de Assis Nogueira satisfeita apenas com aquela pequena demonstração em conjunto de suas alunas. Não se contentou com as homenagens então recebidas, nem com os aplausos que mereceu, servindo-lhe êstes apenas de estímulo para que prosseguisse em seu trabalho, visando o aperfeiçoamento da arte do bailete, a educação completa de suas alunas. E, consequentemente, a sua escola foi-se tornando muito conhecida, firmou-se no conceito das famílias iguaçuanas, encheu-se de crianças e jovens que dançam e bailam pela arte, interpretando os seus variados números cada vez com mais precisão de movimentos, cada vez com mais graça e beleza.

Agora no espetáculo a que assistimos no Cine Iguacu, especialmente cedido pelo sr. Antônio Vaz Teixeira, a prof.^a Neréa de Assis Nogueira, admirável no que tem conseguido realizar em Nova Iguaçu, fez a segunda e grande apresentação do corpo de suas alunas, constituído em sua maioria de crianças encantadoras. Aquela luxuosa casa de espetáculos ficou repleta, todos aplaudindo sem reservas, na sucessão dos números que ali se representavam com acompanhamentos de piano pela srta. Norma Baroni e violino pelo prof. Francisco Tomé da Graça, as coreografias da prof.^a Neréa de Assis Nogueira, o seu amor pela arte pura, o seu gosto pelo bailete, o fruto delicado e apreciável do seu trabalho perseverante de apenas um ano e quatro meses e a sua própria interpretação do bailado, quer individualmente, quer em conjunto com aquelas pequeninas e adoráveis

"francesas" quase no final do espetáculo que agradou a quantos tiveram ensejo de comparecer quarta-feira ao Cine Iguacu. Puderam todos apreciar ali variadas, vistosas e belas fantasias, boa música e números executados dentro das possibilidades das alunas, numa festa de arte e cultura, de elegância e deslumbramento, para alegria e satisfação da sociedade iguaçuana.

LUIZ DE AZEREDO

DIA DAS MÃES

Com grandes solenidades comemorou-se o Dia das Mães, no segundo domingo do mês de maio.

No E. C. Iguacu reservaram surpresas para aquela tarde, quando foram entregues delicadas lembranças às mães que lá compareceram. À mais velha, ofereceram sugestivas recordações do dia; à mais nova, também. E às outras, cravos brancos e vermelhos, segundo as condições de cada uma, desde a primeira festividade.

E nada mais justo.

Comemorar-se o Dia das Mães é tão importante quanto festejar-se o Natal. Porque se muito fez Jesus pela Humanidade, não fez menos a Virgem Maria. Sem ela, Ele não seria possível.

Na sombra de um filho, existe sempre a imagem de sua mãe.

* * *

Alguém, com muita inspiração, disse que a Mãe tem um pouco de Deus pela imensidão do seu amor e muito de anjo pela incansável solicitude de seus carinhos: se jovem, tem o pensamento de anciã; na velhice, trabalha com o vigor da mocidade; se ignorante, desvenda os mistérios da vida com mais tino que um sábio; instruída, molda-se à simili-

cidade das crianças; se pobre, satisfaz-se com a felicidade dos que ama; rica, daria com prazer sua riqueza para não sofrer, em seu coração, a injúria da ingratidão; se vigorosa, estremece-se tôda com o gemido de uma criança; franzina, reveste-se, às vezes, da força do leão...

Enquanto viva, não a sabemos estimar, porque a seu lado tôdas as dôres se dissipam; depois de morta, porém, dariamos tudo o que somos e tudo o que temos para revê-la de novo um só instante, para dela receber um só abraço, para ouvir de seus lábios uma só sílaba...

* * *

Creio não haver nada mais expressivo que essa imagem deixada por um peregrino que inundava os caminhos de lágrimas, tôdas as vezes que a ela se referia. Foi a retribuição ao acolhimento magnífico que recebera daquela que fôra tudo para Ele na vida.

Melhores palavras não poderia Ele arranjar para traduzir tão grande sentimento.

Nem nós também, nessa homenagem prestada ao Dia das Mães.

*Dia das Mães! Que sublime!
Água lustral que redime
nossos pecados mortais...
Natal de tôdas as gentes,
religião de ateus e crentes,
dia maior que os demais.*

*Mamãe! Desabafo e prece,
ternura que permanece,
confôrto em nosso Calvário.
Luz humilde mas possante,
como a chama vigilante,
guardando Deus no sacrário.*

Quando a vida principia,
a gente não avalia
esse tesouro que tem.
O mundo nos arrebata,
promete a vida e nos mata...
O mundo não é ninguém.

3.ª PARTE

HUMORISMO

(Inteiramente elaborado pelo autor do livro)

O pessoal do Alvi-negro é fértil em piadas.

Agora mesmo, acaba de sair uma, quentinha como pão do forno. E' o seu autor o sr. Azul Menezes, que a fez surgir em vésperas do lançamento da pedra fundamental da nova sede, justamente quando numa roda de que participavam o "coronel" Nicolau e Cristolino Chaves, se discutia a questão do chope e dos doces, a serem servidos aos visitantes, pessoal da imprensa, etc.

Acentua Cristolino:

— Pode deixar "coronel", que o chope é por minha conta...

— Não será mais interessante servir-se Guaraná? — pergunta o Artur da Silva.

— Não! — retruca o "coronel". O chope dá cunho mais festivo; isso é fundamental...

Ao que afirma o Azul:

— Não é só a pedra, então o chope também é fundamental...

O "coronel" olha para o Azul; Cristolino, para o "coronel". Todos se entreolham, quando o Alceu resolve perguntar ao Eleutério:

— "Morou"?

— "Morei" — respondeu gargalhando o Eleutério...

PIADA ELEITORAL

Com a aproximação das eleições, muita coisa se modifica nas rodas populares. Os hábitos coletivos tomam aspectos bem diferentes... Em vez de as pessoas "desejarem saúde", "fazem votos" para que outros se restabeleçam ou vençam o pleito.

Os adjetivos eleitorais tomam forma e ganham a ordem do dia: Assim, as palavras se espalham, como ocorreu com o substantivo abstenção. Até o simples varredor de rua se lhe torna íntimo, o mesmo acontecendo com tantos verbos, tais como: impugnar, cabalar e quejando outros redivivos em tal período.

Estavam as considerações nêste pé, quando num grupo que palestrava, alguém se referiu ao abstencionismo. Foi o Artur Adriano, descrevendo o candidato em cuja cadeira irão escrever o "mantenha distância", dos ônibus, por motivos bastante óbvios.

Dizia o tal candidato ao legislativo municipal que nem um dos três à deputação federal se elegeria.

— Como? — indagou o Artur.

— Ora, — continuou — se há 40% de abstenção e 20% de possibilidades para cada um dos três, vencerá na certa o "abstêncio".

O Artur saiu correndo...

MAIS UMA DO CABRAL

Essa que vamos contar é cem por cento verídica. Passou-se com Roberto Cabral, diretor da Secção de Tiro ao Alvo do E. C. Iguacu.

Estávamos no segundo dia de permanência em Resen-

de, quando Cabral avista antiga colega de curso primário, hoje educadora, naquela cidade:

— Oh! Cabral como vais?

— Oh! Maria, há quantos anos?

Seguem-se os cumprimentos e apresentações. E a seguir surge a pergunta:

— Já completaste os 50 anos?

— Já, e você, Maria?

— Naturalmente, que eu, sendo mulher, devo ter um pouco menos...

Seguem-se as gargalhadas. Venceu a mulher.

PIADA CONSTRUTIVA...

Frutuoso Flores é um bom construtor. Mas, antes do início das obras da nova sede do E. C. Iguacu, houve umas divergências. Uns, desejavam o Frutuoso, julgado competente. Outros, queriam o Flores, considerado idôneo e de palavra. Uma pessoa só, pelo seu conceito, desdobra-se em duas. Como pôde, a ponto de gerar desacordos?

— Muito fácil — brincou o Nelson Belém. — Uma, é abundante em frutos; a outra, enfeita. Aliás, não há bons frutos sem flores...

— Será que é "galho", isso? — bradou de longe o Sílvio Diniz.

— Deve ser, considerando a sua "folha" de serviço... Ele tem "raízes" em Nova Iguacu...

— Está certo — concordou o Sílvio, rindo a mais não poder.

JOÃO FERREIRA E A GELADEIRA

O E. C. Iguaçu dispõe, agora, de grande e custosa geladeira, branca como a neve. E a sua capacidade é tal que, mesmo servindo aos que excedem a lotação do Alvi-negro, mantém tudo bem gelado.

Do picolé ao sorvete, da soda ao guaraná ou mesmo da água mineral ao chope, a diferença é tão pequena que nem vale a pena escolher. Em um minuto ter-se-á provado cada uma dessas coisas ou tôdas elas a um tempo só. Porque espaçosos são os seus compartimentos e bem largas são as portas.

O mais interessante, porém, é que já tem ela a sua história, indissoluvelmente ligada ao nome de João Ferreira, esse batalhador indispensável ao clube.

Pescada como é, não fôsse a engenharia do João, até hoje ainda estaria por subir. Pois êle, no dia em que resolreu pôr ombros à tarefa, levou mais de 10 horas a cortar madeiras, a preparar vigas, a amarrar cordas, a improvisar roldanas, a dar instruções, enfim.

Foi um trabalho verdadeiramente estafante levantar aquelas toneladas que o deixaram com a camisa completamente molhada, os óculos umedecidos, o que motivou até uma nota cômica que vamos explorar aqui:

Vendo-o assim, sempre a esticar uma corda grossa e firme, indaga-lhe o Álvaro Viana:

— Como é, João, está fazendo muita força?
 — Então você não está a ver? — responde cansado.
 Mas, ao notar a corda presa, continua o Álvaro:
 — Que corda é essa, ó João?
 — E' a que suspende a geladeira, ó homem!
 Mas qual! Com as lentes a escorrer suor, a corda que êle puxava obstinadamente, era exatamente a que se prendia a seus pés amarrada aos sapatos!
 Que força! E como suava!

E quando o João deu pela história, já o refrigerador permanecia no lugar, em pleno funcionamento, com todo o pessoal a provar os guaranás gelados, tal como êle prometera, quando tudo estivesse encerrado!

A PANELA EMBRANQUECEU...

Quando, no E. C. Iguaçu, discutiam a questão da fotografia do estudo dos projetos apresentados, surgiu uma série de "qui-pró-quós" interessantes.

Este fotógrafo é melhor, diziam uns; aquêle é mais rápido; aquêloutro é mais bem aparelhado. E assim, as opiniões foram surgindo, uma a uma.

— Eu quero o fotógrafo Branco — afirmou o Sílvio.
 — E eu aquêle da "Foto-Brasil" — redarguiu o Belém.
 Cada um dos profissionais teve o seu admirador.
 O fato, porém, é que dada a rapidez prometida, a encomenda foi entregue ao Branco.

Passado dêsse modo o primeiro cto, entremos no segundo.

Domingo seguinte, chegava o Branco com a encomenda das cinco fotografias da magnifica fachada da nova sede.

Quando, porém, o Sílvio Diniz abre o pacote, eis a surpresa:

— Mas ó Branco, saiu tudo prêto!
 — Não senhor, saiu prêto e branco!
 — Mas o sr. não prometeu, Branco?
 "Seu" Nicolau, que por ali passava, indaga:
 — Que confusão é essa?
 — O negativo é que saiu muito prêto — explicou o Branco.

— Mas vai ficar tudo assim? — quer saber o Sílvio.
 — Não, o positivo sai mais branco... aliás, preto e branco.

E o Panela, que chegava minutos antes, ficou aturdido com aquela complicação. No esforço que fez para entendê-la, afirmou o Cristolino, foi ficando pálido, completamente branco.

E desmaiou. Foi preciso o "Todo Fino" sair correndo e chamar um médico.

PERGUNTAS CRETINAS

Bote de cobra, BOIA?

— Álvaro, que viu você?
 — Vi... Ana!

— "Coronel" Nicolau, que faz a cobra?
 — A cobra silva.
 — E quando o sr. cobra, silva?

— O Clube está fechado!
 — Então chamem o Cristolino.
 — Por que??
 — Porque tem Chaves!

— Quando um veículo choca, dá Pinto?
 — Perguntam ao Avelino Bento!

— Que notícias me dão do dr. Deoclécio Machado?
 — Do Machado? Foi-se...

— Conheceram Norma Calderon?
 — ...
 — A cantora de Xavier Cugat!
 — Calderon? Deve ser prima do Panela!

TROCADILHO FINO...

O sr. Jair Viana foi atropelado. Segundo soubemos, além da suspeita de fratura, teve de levar mais de uma dezena de pontos, na perna.

O "Todo Fino", também conhecido por Moacir Ferreira, que já está com a mania dos trocadilhos, foi visitá-lo. E saiu-se com este:

— Então, Viana, como vai?
 — Ah! rapaz! Quase morri!
 — Mas você, tão moço, quer já... ir?
 E o doente, por causa disso, quase andou...

ANO VELHO E ANO NOVO...

Um associado do Iguacu, por sinal que bem conhecido, conversando com o Wilson de Figueiredo, durante a ornamentação para a grandiosa noite de 31 de dezembro, de S. Silvestre, tentou lembrar algo bastante sugestivo: um velho, bem caracterizado, representando o ano findo, a acariciar um garoto, símbolo do ano que chega...

Mas o Wilson, sempre expedido, saiu-se com esta:

— O Iguacu tem coisa melhor. Recomendou à Maternidade local a fotografia de uma velha dando à luz um robusto pimpolho... Não te parece mais sugestivo?

O rapaz desapareceu.

PERUADAS...

O sr. Cristolino Chaves realizou, afinal, o que prometera: o jantar na sede do Alvi-negro, em pleno transcorrer do baile de "reveillon", em que foi servido o "peru à brasileira".

Mas alguém, querendo distrair-se à sua custa, saiu-se com esta:

— Cristolino, peru tem penas, não tem?

— E daí?

— Eu é que fiquei com pena de ti. Encomendaste quantidade regular dessas aves. Mas os "perus" em torno das mesas foram em número muito maior. Como te arranjaste?

— Ora, muito fácil. Tendo eu estudado "patologia", misturei o que tinha com bastante presunto e farofa... E deu para todos!

Quer dizer que entraste com patologia?

— Sim, para não bancar o pato e ficas com pena de mim...

— Ah! — respondeu o outro, quase fazendo glu-glu... E' boa!

E o êxito de Cristolino foi completo! Até o Nico, que saboreava o prato da noite, gostou da piada!

CAJUADAS...

Antes da comezaina alegre que a diretoria do E. C. Iguacu ofereceu à Comissão de Carnaval, gesto que, daqui por diante, constituirá tradição, houve notas dignas de divulgação, influenciadas, talvez, pelo excelente aperitivo que foi servido, à base de caju.

João Ferreira, sempre alegre e folgazão, não perdia tempo para as piadas do seu gôsto. Tão entusiasmado ficou

com o fruto das anacardiáceas, que começou a descrever para o Moura e Orlando Soares, tôdas as suas propriedades, inclusive a riqueza em ácido ascórbico. E arrematava:

— Olhem, não se esqueçam, a castanha é que é o fruto. O que comemos é o pedúnculo. Não há coisa igual. Nem em ..ortugal. O Iguacu realizou a sua maior descoberta, pois começo a me sentir brotinho!...

— Será? — indaga o Moura, entre risonho e admirado.

— E' isso mesmo — continua. Sejamos, pois, como o caju, doces e agradáveis, mas sempre da castanha dura. Com a parte de ser do mato, entra nos salões. Se é servido como "batida", alegra. Como refrigerante, acalma e revigora. Isto é uma filosofia: como outra qualquer. E daí em diante, tão arrebatado ficou, que tôdas as suas palavras principiavam pela letra C, da vitamina...

Outra coisa interessante foi o que aconteceu ao cabrito assado.

Depois de pronto e preparado com farofa, saído da panela, foi conduzido à mesa. Certa pessoa presente o dividiu. Resultado: voltou direitinho a... Panela cujos maxilares não descansaram um só instante...

No transcorrer do almoço é que vimos como o Felipe Mitre gosta de presunto. E não gosta pouco.

Basta dizer que ele e seu companheiro à esquerda, em dois minutos, fizeram desaparecer o pernil que Cristolino mandara preparar.

— Mas como está fino êste presunto, acentuou umas vinte vêzes!

— Ah! O Cristolino soube mandar prepará-lo! — ponderou Artur da Silva.

— Não é a isso que me refiro! — arremata o Felipe. Refiro-me ao Ventura! Como cortou fino as fatias!

— Ora bolas! — concluiu, rindo o Artur.

Felizmente, o "Todo Fino", colaborador deste livro, andava lá pelas bandas de Juiz de Fóra... Nem pôs a mão no presunto...

Houve frangos, perus, leitões, cabritos e doces à granel. Nuns trocadilhos que correram à mesa, houve até quem bancasse o pato, completando, assim, o cardápio. Porém, sómente das coisas acima tomamos conhecimento.

PIADA FARMACÉUTICA

O Nonô inegavelmente é ótimo rapaz que acompanha o Iguacu há muitos anos. E há muitos anos que tem o apelido de "Cataplasma", dos campos de futebol. Talvez pelo hábito de grudar-se ao adversário. Como aquelas papas medicamentosas que se aplicam entre dois panos à uma parte do corpo, Nonô se colava ao opositor de maneira fatal. Daí, talvez, o apelido.

Mas agora, com o movimento renovador que se opera no recinto social, acrescido de sua operosidade, como curador de menores, (em que pese à coincidência), comentavam numa roda:

— Nonô, agora, deu de frequentar, à noite, o bar do Amum. E como gosta de mostarda! Em todo sanduiche — zás! — sapeca mostarda!

— Só assim mudará o apelido — arrematou o Viana. E antes de outra pergunta:

— Passará à sincapismo, que é cataplasma de mostarda! Houve grandes gargalhadas, até do próprio Nonô!

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■

síveis todos. Assim, teríamos de encomendar dois volumes. O pessoal é "terrível" e não perde oportunidade.

Imaginem que até os engenheiros padecem. O dr. Areias, jovem e inteligente professor da Escola de Engenharia, participa de muitos deles. Livra-se de poucos.

— Como?

— No traço do cimento, entra sempre o dr. Areias... Não se esquecem disso...

O drs. Hasquel e Filúvio escapam mais. Têm nomes mais difíceis, quase inadaptáveis. Mas, assim mesmo, o Pamela achava que a futura sede do Alvi-negro seria uma filustria, isto é, uma proeza de Filúvio, segundo os dicionários brasileiros...

— Que gosto asqueroso! — arremetou o Hélio Lavinas.
— Do Hasquel? — perguntou o Pamela.
— Tenha paciência, neste trocadilho entrou aí...

O Cristolino, de quando em quando, dá suas "peruadas". Ainda há dias, prometeu um jantar dançante, em que seria servida a ave da família dos Trogonideos, prepara à moda brasileira. Houve grande animação. Num lapso, porém, decorrente de seu entusiasmo, disse que seria servido "papo à brasileira".

— Que história de "papo" é essa? — indagou o Azul.
— Papo de "peru à brasileira"!
— Ah! bem! Isso eu papo... Desculpe.

— O Avelino Pinto Bento vai fazer parte do jantar? — continuaram.

— Por que?

— Também tem aí... Conta papo... Pinto tem papo... Se houver pouca farófia, entra também com a dêle...

— Estão brincando? Vocês vão ver como a coisa vai sair. E daqui... — concluiu Cristolino, mostrando a ponta da orelha.

CONDECORAÇÃO

São Paulo, o grande Estado da federação brasileira, festejou há bem pouco o seu quarto centenário. Os responsáveis pelo brilhantismo das festividades mandaram confeccionar lindas medalhas de ouro com as quais homenagearam as pessoas que, pelos seus atributos pessoais, se firmaram na sociedade. Assim, não só os anciões com mais de oitenta anos, mas ainda os casais com mais de cinqüenta, receberam a lâurea.

Para surpresa geral, eis que um dos diretores do Iguacu, por sinal que o curador de menores, aparece todo feliz com uma das medalhas à mostra, reluzente, gravados os seguintes dizeres: "Ao bravo iguaçucano, a homenagem de São Paulo quatrocentão".

O Alceu, entre atento e malicioso, ao deparar a condecoração, desperta o Agostinho Duarte:

— Olhe o Nonô Cataplasma! Como está prosa! Medalha de ouro no peito!

— Teria salvado alguém, na Guanabara?
— Não. Foi chamado a São Paulo para ser condecorado!

— Algum feito importante?
— Um prêmio extra, de duração de noivado!
— Então, está trabalhando bem!

— Parece trabalhar, também, no Banco de Sangue !
 — Dá o sôro ?
 — Não... Cata... plasma !

GARÇÕES SÁBIOS

Com a mania que vários colegas tinham de ensinar aos garçons do bar dos estudantes de medicina coisas difíceis, algumas até científicas, como, por exemplo, tri-metil-xantina (em vez de cafeína), protóxido de hidrogênio (em vez de água), sacarose (em vez de açúcar), etc., deu-se um fato interessante. O garçom começou a julgar-se um sábio. Citava Demóstenes, Praxíteles, Arquimedes, Lavoisier, Tucídides, Testut, com a mesma facilidade e por qualquer coisa. Misturava autores.

Certo dia um colega, depois de sentar-se numa das mesas, bradou :

— Rapaz ! Traga-me um bife suculento com batatas fritas !

O garçom rodou nos calcânhares e foi providenciar o pedido.

Enquanto esperava, o colega pôs-se a comer azeitonas e pedaços de pão com manteiga. Meia hora depois, o bife ainda não havia aparecido. Mais meia hora, certa aula já quase no início, outros colegas já se retirando, e nada... Furiosíssimo, o colega deu um grito capaz de afugentar fantasmas.

O garçom corre, mas lhe mostra o prato vazio.

— Onde está o bife ?

— Desculpe-me, doutor, mas não foi possível. Calcule que ao fazer a "incisão" longitudinal nos planos musculares profundos, depararam-se-me ligamentos suspensores, impregnados de bainhas mielinicas, além das nervuras simpáticas

e para-simpáticas; estas, com suas fibras pré e post-ganglionares, formando verdadeiras plicaturas ! Além disso, não me foi possível retirar as aponevroses superficiais !

Quanto às solanáceas (referia-se às batatas), me pareciam ligeiramente cianosadas, portadoras de alguma substância tóxica, talvez a solanina, de provável ação patológica. De modo que...

Quando o garçom acabou a explicação, o colega já estava longe...

O barbeiro também não era menos engraçado. Ao lado do espelho, bem à vista, mantinha a seguinte lista de preços :

Tricotomia na região occipito-parieto-frontal — Oito cruzeiros.

Raspagens nas regiões geniana, labial, mentoniana e zigomática — Quatro cruzeiros.

Trocando em miudos, êsses eram os preços do cabelo e barba.

Dentre os colegas que não nos largavam, havia um apelidado Boquinha.

Adveio-lhe a alcunha não do tamanho da comissura, mas de um acidente cerebral que lhe contorceu o lábio, deixando-o como a fumar cachimbo.

Certo dia, em prova parcial de difícil cadeira, sentou-se ao nosso lado. Aproveitando um descuido do professor, começou a copiar nossa prova :

— Boquinha — disse-lhe — isso vai dar mau resultado, quando o professor notar as provas iguais. Modifique alguma coisa.

E êle, impaciente :

— Não modifico nada ! Modifique você !...

O Caldeira era um colega como tantos outros. Mas uma coisa o particularizava: o tamanho do nariz, enorme! Os colegas, já sabem...

Certa ocasião, em aula de Parasitologia prática, foram-nos exibidas lâminas.

— Esses, — dizia o professor — em forma de bandeja, com os contornos irregulares, são ovos de Áscaris...

— Mas professor, tem um espigão bem ao lado — exclamou o Caldeira.

— O de espigão é ovo de *Schistosoma Mansoni*. A lâmina está trocada!

— Não professor: está escrito que é de Áscaris.

E, de fato, era de Áscaris. O professor não vira o espigão. Os colegas, também não. Mas o Caldeira insistiu. Lá estava o espigão.

E só no fim da aula é que descobriram os colegas. O tal espigão — segundo o mais pândego — era o próprio nariz do Caldeira, entre os olhos e o microscópio.

Houve grandes gargalhadas!

E muitas outras coisas houve. Serão contadas oportunamente, quando aumentar a saudade desse tempinho bom, de bons colegas e boas amizades, cuja etapa final o Délío Cardoso e Luiz Russo acabam de marcar.

MÁGICAS EM NOVA IGUAÇU

O ilusionismo é um gênero de divertimento que sempre atrai muita gente. É realmente curioso ver-se aquêle homem de casaca, mangas arregaçadas, a tirar pombos, fitas, coelhos, de dentro de uma cartola.

Certa ocasião, aqui em Nova Iguaçu, surgiu um Circo muito bom. Da sacada do Iguáçu via-se perfeitamente o toldo redondo, todo iluminado, com lâmpadas multicolores, presas a dois altos mastros. Também do Circo se avistava a comprida varanda do Alvi-negro, pois ele fôra armado no trecho da rua Otávio Tarquínio, quase esquina com Mendonça Lima. O espetáculo era variadíssimo, e dêle fazia parte famoso "mágico hindú, professor de Ciências Herméticas", tal como rezavam os cartazes em cores berrantes, em frente à "Grotinha".

Como de hábito, sentava-me bem longe, fora do alcance das trombas paquidérmicas e do cheiro enjoativo dos leões.

Mas um amigo nosso, meio idoso, pince-nez ou nasóculo, não sei bem, assentado, me avistara. E trás consigo uma jovem, quase loura, uns quinze anos mais nova.

No picadeiro, tudo às mil maravilhas. Primeiro, o palhaço; depois, os malabaristas; em seguida, os cachorros ensinados; por fim, o mágico.

Vem de cartola, como sempre. Impecável. Como primeiro número, exibe um cubo. Apresenta-o ao público com as seis faces. Fecha-o, e, depois de utilizar a varinha que descreve curvas no espaço, faz sair dela a bandeira nacional.

Há um "oh!" de admiração e, logo após, uma salva de palmas, de que participa entusiasmada a jovem quase loura, a nosso lado.

Mas o "professor", depois de agradecer, anunciou à platéia:

— Para que não suponham alguma emulação, compromoeto-me a fazer aparecer, em vez da bandeira, um carneirinho ou um cachorro "pekinés".

Há um riso geral. Ninguém, contudo, se resolve apresentar como auxiliar do mágico.

Foi quando a mocinha ao nosso lado, voltando-se para o companheiro, pede-lhe docemente:

— Vá você, Jonjoca... Sim, meu bem.

— Como? — fez êle carrancudo. Sou um homem de responsabilidade!

E ela segurando-lhe a mão carinhosamente:

— Eu tenho uma vontade, querido, de ter um cachorrinho "pekinés"!

E fechei os olhos para não ver mais nada! — D.

DA MEMÓRIA DO CRISTOLINO

Cristolino Chaves, essa grande figura simpática e amiga que todos conhecemos, é possuidor de notável memória.

Quem quer que dêle se aproxime para ouvir algo sobre esta cidade, é tomado de surpresa, tal a lembrança de fatos ocorridos em tempos que já se vão. Os recônditos que êle consegue no tempo e no espaço são verdadeiramente impressionantes, principalmente se nos ativermos à riqueza de pormenores. De nada êle se esquece.

Ainda há dias, reunido com vários amigos numa roda de que participavam o Hélio Lavinas, Luiz de Azeredo, Sílvio Diniz e Nelson Belém, começo a recordar a vida de Sílvio Caldas, o grande seresteiro, nesta cidade. E acen-tuava:

— Até hoje, o Sílvio, com seus cabelos grisalhos, não me pode ver. A pergunta vem logo: "Como vai Nova Iguaçu?"

Quando rapaz, no botequim do sr. Armênio Soares, é que ensaiava sua grande voz.

De uma ocasião, em frente à casa do saudoso dr. Alberto Nunes Brigagão principiava uma seresta, quando o velho causídico aparece de cenho cerrado, na varanda, disposto a espantá-lo, pelo adiantado da hora. Mas Sílvio não se perturba. Com o violão em punho e sua voz maviosa,

prossegue cada vez mais seguro de si. Até que o antigo causídico tocado em sua sensibilidade, reconhecendo o mérito e a vocação do cantor, se retira... horas depois, sem nada dizer.

A respeito do grande violinista Mozart, sempre andava por aqui, na residência do sr. Astolfo Sales onde executava seus números de arte. Todos o ouviam e se enterneçiam, ao som dos milagrosos acordes.

E assim, muitas figuras do rádio, do cinema, do teatro e mesmo da moderna televisão, não saíam de Nova Iguaçu — prossegue Cristolino:

— O Carequinha, da televisão Tupi? Foi amigo inseparável do João Junqueira, o famoso Joãozinho, jogador de futebol do clube Filhos de Iguaçu.

Nessa ocasião trabalhava o Carequinha no Circo Peruano, que funcionava nos fundos onde hoje se encontra a Casa Mercúrio, naquêle tempo um cinema, o Cinema Olímpico, do sr. Quincas Tinoco e Alique.

E muitos outros mais, arrematou Cristolino, sempre cheio de entusiasmo pelas coisas desta cidade.

* * *

E assim, como uma bela história, encerra-se êste livro sobre o glorioso E. C. Iguaçu, clube querido, cujo nome constitui, já, uma tradição para os iguaçuanos de verdade.

Nosso objetivo foi justamente o de mostrar o quanto êle representa para a sociedade local, cujos componentes nêle vivem, dêle participam e dão vida.

Quem quer que tenha nascido ou resida, apenas, em Nova Iguaçu, à sombra dos laranjais, não poderá negar ao Alvi-negro sua colaboração efetiva no desenvolvimento social da cidade. Por que, sem dúvida alguma, êle representa melhor e mais familiar centro, onde todos devem buscar

congracamento, esportividade e recreio para os seus, com todos os proveitos que proporciona, principalmente do ponto de vista eugênico.

Sòmente com a colaboração de todos, entretanto, poderá êle progredir e atestar o esfôrço e a capacidade dos iguaçuanos.

* * *

E aos que receberam de nossas mãos o E. C. Iguacu, tal como se encontra nêste livro, nossos melhores desejos de prosperidade. (as.) Orlando Soares, José de Moura, Artur da Silva, Domingos Panela Filho, Cristolino Chaves, Cel. Nicolau R. Silva, Nelson Belém, Sílvio Sampaio Diniz e Jair Viana.

CONCEITOS SÔBRE O AUTOR

"Correio de Lavoura", em tôda a sua longa existência, tem estimulado muitos valores novos de nossa terra, cumprindo, aliás, um dos pontos de seu programa de concorrer, sempre que a oportunidade se ofereça, para o desenvolvimento de tôdas as artes, para o aumento e valorização da cultura. Nunca faltamos, assim, com a consideração devida aos moços que, cheios de dúvidas e incertezas, vieram bater à porta do jornal que escolheram para voar mais alto e mais longe nas asas de seus ideais. E nunca faltámos, também, a quantos se nos apresentaram com espírito de colaboração, inteligentes e entusiastas, com a palavra amiga, com o conselho para que se conduzissem com equilíbrio e bom senso, com a orientação ditada pela experiência para que não fugissem nunca do caminho do dever, antes que se dedicassem cada vez mais aos livros em busca do saber, que se portassem na sociedade de modo exemplar, como cidadãos de amanhã úteis à família e à Pátria.

* * *

Quantos trabalhos, em prosa e verso, não se encontram nas páginas de nossa fôlha, frutos da vocação, do esfôrço, da perseverança de muitos moços que procuravam vencer aumentando os seus conhecimentos! E quantos trabalhos aqui também não se acham de moços, dotados de inteligência fora do comum, que produziam em prosa e verso por dilettantismo, dando asas às suas idéias e pensamentos românticos! Entre êsses moços que foram recebidos de braços abertos em nosso convívio, encantando-nos de

onde em onde com a beleza de suas almas sonhadoras, contava-se o Mac, um dos valores mais apreciáveis da mocidade iguaçuana. Acolhido com simpatia e recebendo logo o indispensável incentivo, ele passou, de tempo a tempo, a enriquecer nossas páginas com suas crônicas e versos, ora malicioso e mordaz, focalizando esta ou aquela atitude dos homens, ora leve e elegante, comentando fatos e coisas que aconteciam nesta terra outrora de muitos laranjais floridos.

* * *

Mac escrevia crônicas e versos, lecionava em escolas particulares e trabalhava na Prefeitura do Distrito Federal, mas não abandonava os livros. Entrou para a Faculdade de Medicina e ali concluiu o curso entre os doutorandos que mais se distinguiram pelo amor aos estudos, pela prática freqüente nos hospitais. Agora é o Dr. Deoclécio Dias Machado Filho, dedicado à nobre profissão que abraçou. No entanto, o médico de hoje não esqueceu o cronista nem o poeta de ontem, tanto que acaba de realizar um dos seus maiores sonhos desde os bancos escolares: a publicação de um livro. E logo que o editor lhe entregou o trabalho pronto, de ótimo aspecto gráfico, ele se apressou em trazernos pessoalmente um exemplar, com dedicatória mui expressiva, o que nos causou grande satisfação, não só pelo sonho que o amigo realizara, senão também porque muitas páginas desta fôlha eram ali revividas esplêndidamente.

* * *

Realmente, o livro de Deoclécio Dias Machado Filho — *À Sombra dos Laranjais* — tem muito de Nova Iguaçu, pois reune, em quase 200 páginas, crônicas e versos, retratando figuras políticas e focalizando fatos aqui ocorridos, o que faz com que todos nós sintamos a vida que passa. O autor de *À sombra dos Laranjais* incluiu nêle os seus melhores

trabalhos, escritos num estilo simples e agradável, matéria mais jornalística que literária, comentando rapidamente dezenas de acontecimentos da vida iguaçana. Por tudo isso, merece *À Sombra dos Laranjais* a atenção de quantos vivem nesta terra, porque é trabalho produzido com arte e bom gôsto por um dos seus filhos mais queridos.

LUIZ DE AZEREDO

AGRADECIMENTO AO SR. LUIZ DE AZEREDO

A propósito do meu livro "*À Sombra dos Laranjais*", quero agradecer-te as palavras generosas, repassadas de bondade, elevação e de incentivo, publicadas no teu *hebdomadário* há tempos.

Se a obra não tivesse agradado, se tantos abraços não tivesse eu recebido, tão amigos e tão sinceros, como o último, em plena Cinelândia, quando por lá passava, — o teu artigo seria o prêmio. O prêmio das canseiras, das lutas, da labuta que tive, trabalhando com mão diurna e noturna. Seria para mim o oasis onde me deteria, a fim de assistir ao desfilar de meus sonhos desde a puerícia, onde algumas dificuldades se me depararam. Seria, outrossim, o bálsamo suave para as feridas de todo viandante como eu; o doce refrigerio, o supremo consôlo para as amarguras dos que sonham com uma vida interior, tendo por fora a má vontade dos que não nos comprehendem...

De tudo, caro Luiz, sinto-me recompensado. Até as pedras do desgôsto tu as transformaste em estrélas. Assim, eu teria de sentir-me como realmente me senti: satisfeito e ao mesmo tempo agradecido.

Pena é eu não poder colocar o livro nas mãos que desejava.

Não por considerá-lo de vulto. Mas é que amanhã não.

haveria exemplares para mostrar que alguém já escreveu e se interessou por Nova Iguaçu, ainda que outro valor mais alto se elevante. Demais disso, a leitura sempre constitui exercício necessário ao espírito. Tu, que tens dela o hábito, sabes que o espírito se esvazia quando deixamos de nutri-lo com a substância dos livros. É isso porque ninguém, a princípio, pode tirar as coisas dentro de si próprios, como uma fonte milagrosa. Em geral, nos livros é que buscamos a essência para a nossa perfeição, a orientação para as grandes e luminosas perspectivas.

Quem não lê acaba emparedado e incomunicável. Embutecido. Estacionado ante o progresso espiritual a que só a leitura conduz.

Ler, portanto, é progredir. E a leitura — não sei se foi Duhamel quem escreveu — é indispensável aos que desejam evoluir. É incorporar ao espírito novas paisagens, novos domínios, coisas ignotas, principalmente quando a obra merece o consenso unânime.

* * *

"À Sombra dos Laranjais" possui alguns defeitos. Mas foi feito com o coração, e tem dois objetivos: recrear e instruir, dentro das possibilidades do autor. — D.

OUTROS CONCEITOS

Dante Perrone:

"Acabo de ler o seu livro e, com entusiasmo, apresso-me a felicitar o estilista que se revelou.

Realmente, a graça, a simplicidade e o bom gôsto, na escolha dos assuntos, tornaram-no um dos mais belos livros de crônicas que já tive a oportunidade de ler em toda minha vida.

Um caloroso abraço de aplausos. — Em 14-4-53."

* * *

Raul de Figueiredo Meireles, Promotor de Justiça nesta Comarca:

"Sinto-me bastante sensibilizado com a dádiva, em termos generosos. Só lamento não estar ainda integralmente identificado com a tradicional sociedade local para melhor apreciar o "resumo histórico vivo" desta cidade e do seu Povo. — Em 18-4-53".

* * *

René Van Boekel:

"O natural interesse que o seu livro me despertou, já pela grande consideração que sempre lhe dediquei em troca da maneira bondosa e distinta no tratar seus semelhantes, da simpatia irradiante que você transmite tão singularmente e, também, pela leitura das primeiras páginas de "À Sombra dos Laranjais", fêz com que eu ficasse em casa ontem, domingo, o dia inteirinho, coisa que raramente acontece, para apreciar os saborosos "quitutes" do seu magnífico banquete"!

Sim, porque nem só de pão vive o homem, e quando a leitura é boa, traz fosforescência para nossos cérebros. Confesso que, mesmo sem ter a gula de qualquer um dos discípulos de Sócrates o devorei inteirinho, e esfreguei as mãos sobre o ventre intumescido, entre satisfeito e orgulhoso, por haver encontrado "uma azeitona na minha empada"...

A simples citação feita à página 44, do seu primoroso livro, sensibilizou-me profundamente, pois, no pequeno torrão onde você nasceu, eu vivo há trinta anos, sempre presente, por mercê de Deus, e em pensamento e coração.

Aceite, assim, meu conterrâneo de alma nobre e inteligente, nesta carta à Bonaparte — garatujada e em péssima grafia — os meus calorosos aplausos à sua obra, meus pa-

rabens e o meu fraternal abraço iluminado nesta mesma Fé, e que todos os seus desejos venham a se realizar para o progresso e o futuro do nosso Município.

Seu, "ex-corde", René. — Em 4-5-53".

* * *

Do deputado estadual, Dr. José Manhães :

"Recebi o teu livro, que penhorado agradeço. Li, verificando o teu bom gôsto pelas letras, bem como o humorismo e o espírito elevado que possues, não deixando, também, de focalizar teu deal.

Um abraço do amigo".

* * *

D. Olga Flávio :

"Belas crônicas, engraçados versos. És, na verdade, um narrador enleante, parece que adestrado no jornalismo. Ninguém boceja ao ler-te, ninguém se desprende de tuas páginas, até que chegue o fim.

Só queria saber como conseguiste, cuidando de tantos assuntos, essa beleza de ritmos? Como desabrocharam entre teus dedos, essas rosas tão lindas? Como vieram êsses pássaros de sonho cantar no beiral de tua casa?

Continua, é só o que te peço e desejo. — Em 5-5-53".

* * *

"Meu caro Deoclécio :

Tenho em minhas mãos um exemplar de seu livro, cujas páginas saboreio, não raras vêzes, com lágrimas nos olhos. Afinal, também sou iguaçuana, também amo essas plagas que me serviram de berço, na minha infância longínqua, e o seu livro me traz reminiscências mui queridas.

Porém, não quero falar do livro, dizer que é bom, boníssimo, humano, sentimental...

Não!

Tudo isso o doutor já está cansado de ouvir. Quero apenas lhe dizer: — Como deve estar transbordante de prazer o coração de sua mãezinha por haver alcançado, na vida, a maior felicidade, senão a de possuir uma prole que é verdadeiramente o orgulho da sociedade iguaçuna.

Que Deus o tenha na sua graça, que lhe prodigalize a felicidade de que é merecedor.

De uma Iguacuana".

* * *

Segundo se tem afirmado, e parece-nos com fundadas razões, a crônica é um gênero que envelhece, talvez por estar ligado ao quotidiano, ao que acontece ou ao que comumente se pensa no instante em que é escrito. Enquanto um conto ou um romance não perdem a atualidade ou não a requerem mesmo, a crônica, com raras exceções, passa de moda como passam os feitios de vestidos, com a única diferença que êstes podem voltar ao primeiro plano das preferências femininas e aquela, de modo geral, só tem valor como reconstituição de um momento dado.

Entre as exceções, acreditamos justo colocar "À Sombra dos Laranjais", de Deoclécio Dias Machado Filho. Livro editado em 1953, enfeixando crônicas em que "pouca coisa há, do tempo atual", como declara o autor "à guisa de prefácio", não perdeu, entretanto, o sabor da época onde foram elaboradas suas crônicas e outros noticiários".

Ressumbrar de suas páginas tamamho amor a Nova Iguaçu que, provavelmente, será êsse o segredo de sua mocidade e de sua longevidade. Mesmo quando Deoclécio se refere a Pasteur, Lin Yutang ou o valor da lágrima, sente-se que êle escreve, que faz questão de escrever à sombra de laranjais.

Fá-lo, aliás, com notável correção e utilizando sempre as palavras adequadas, sem preciosismos, o que torna sua prosa agradável, fluente e escorreita.

Não diremos, para sermos coerentes conosco mesmos, que apreciamos de igual modo todas as páginas do livro. Algumas há de que não gostamos, ao passo que sentimos em outras o peso do tempo, inimigo de crônicas... Mas o conjunto, sem dúvida, apresenta saldo favorável, o que nos leva a vaticinar, com segurança, que Nova Iguaçu ainda ficará a dever a Deoclécio outras obras ditadas por seus pendores literários e por seu extremado amor a esta terra, onde seu cérebro ainda se povoa de sonhos — os quais muito bem poderá realizar, com as qualidades que todos lhe reconhecemos.

CIAL BRITO

A respeito do livro:

"SOB O CÉU DE MINHA TERRA"

Deoclécio Dias Machado Filho, um dos colaboradores mais frequentes e apreciados da imprensa iguaçuana, estreou em 1953 com um livro de crônicas e versos — "À sombra dos laranjais", que teve uma tiragem de mil exemplares saídos do prelo do editor Borsoi. Chegara, para ele, o momento de publicar um livro que, abrangendo um largo período de atividade intelectual, relembrasse os sonhos dourados de sua juventude passada entre os verdes pomares, que tanto enriqueceram a nossa terra com a abundância de seus frutos saborosos. É que o cronista iguaçuanense não podia mais se esquecer destas palavras atribuídas a Vitor Pauchet: "O homem faz sempre o que gosta, o que quer fazer ou o que é forçado a fazer". E "À sombra dos laranjais" começou a circular e a receber aplausos expres-

sivos por aí, porque chegou mesmo a enternecer muitos corações presos ainda ao passado.

* * *

Quem quer que mantivesse contacto permanente com Deoclécio Dias Machado Filho, que lhe observasse o espírito ansioso de alcandorar-se e lhe sentisse, então, o gosto de escrever para falar sempre carinhosamente desta terra que se notabilizou sobretudo pelos seus laranjais floridos, poderia ter dito logo que outro livro não demoraria a surgir. A idéia da fundação da Arcádia Iguacuana de Letras — quem sabe? — talvez tenha sido parte do conteúdo precioso de algum livro em preparo no pensamento de Deoclécio Dias Machado Filho. O movimento entre os nossos intelectuais processou-se com entusiasmo, repercutiu muito bem em nosso meio social e acabou vitorioso, graças em grande parte à tenacidade do cronista de "À sombra dos laranjais", a fazer mais uma vez o que gostava e o que queria. Alcançado, com a instalação da Arcádia, a vitória de seu espírito empreendedor, de seu empenho para que as novas gerações iguaçuanas amem as letras e as artes e não se esqueçam nunca de exaltar os nossos grandes vultos do passado, eis Deoclécio Dias Machado Filho escrevendo e lançando um livro de contos, enquanto prepara um outro sobre a vida social do E. C. Iguaçu nestes últimos anos.

* * *

Nunca tinha escrito nem pensado em escrever um conto o idealizador entusiasta da Arcádia. Mas, em contato com o árcade Altair Pimenta de Moraes, lendo-lhe as poesias e principalmente os contos modernos ainda inéditos, propôs-lhe publicarem, em sociedade, um livro de contos. E mal acabou de fazer a proposta ao poeta de fina sensibilidade de "A Vitória de Samotracia" e ouvir dele a resposta favo-

rável, Deoclécio Dias Machado Filho, levado pelo seu extraordinário temperamento que o impulsiona vigorosamente quando tem o propósito de realizar alguma coisa, levando muitas vezes, nesse impulso irresistível, os seus companheiros, escreveu seis contos em poucos dias, nas folgas pequenas que lhe deram os deveres de médico aqui na cidade e no Pronto Socorro, no Rio. Mostrou-me os originais e levou-os em seguida à editória Companhia Brasileira de Artes Gráficas, a fim de que fosse adiantada a obra, quanto à parte que lhe tocava.

* * *

Altair Pimenta de Moraes, embora tivesse prontos os seus trabalhos, não pôde acompanhar o colega no ímpeto que o dominou desde a idealização das histórias e do preparo dos originais até a sua composição. Está explicado, em resumo, no prefácio de "Sob o céu de minha terra", um livro elegante com sessenta e poucas páginas que acaba de sair do prelo. Deoclécio Dias Machado Filho, como se vê, é um estreante nesse gênero e, além disso, não teve quietação para escrever as historietas que se encontram nesse livro. Trazem todas elas, no entanto, alguma coisa de Nova Iguaçu que, na opinião do cronista, há de ser, para quantos aqui vivem, "o grande mercantil, a fonte viva de tudo o que se produzir para o futuro". Além disso, os contos de Deoclécio Dias Machado Filho, escritos no seu estilo simples, devem agradar aos leitores pelo conteúdo humano que apresentam quase todos. Lendo-os, ficamos com a certeza de que o autor tem qualidades apreciáveis e pode ainda progredir muito, produzindo mais e melhor. E' só continuar a fazer o que gosta e o que quer, com engenho e arte.

ARAUTO

— (o) —

O cap. Paulino Barbosa, tantas vezes solicitado para figurar na Arcádia, pelos seus dotes de inteligência, enviou

ao autor de "Sob o céu de minha terra", a seguinte missiva:
Meu prezado Deoclécio:

Recebi com agradamento, prevendo o prazer que sua leitura iria proporcionar-me, seu "Sob o céu de minha terra".

De fato, desde logo verifiquei que em seus contos se encontram os elementos que aprecio nesse gênero literário: leveza de estilo, suavidade, ausência de frases rebuscadas e pretenciosas e um final sempre deliciosamente imprevisto.

E' sabido que há um "test" para se aferir do mérito de qualquer trabalho, a que nem todos resistem: se o leitor repete a leitura é porque o conto é bom e interessante.

E eu não resisti ao prazer de ler seus contos mais de uma vez e posso assegurar-lhe que nos momentos em que fôr assaltado pelo desejo de uma leitura agradável, procurarei novamente seu esplêndido "Sob o céu de minha terra".

Um abraço agradecido do amº. atº. e admirador, Paulino Barbosa.

ÍNDICE

	Págs.
Tradição de um nome	5
O ABC do associado de E. C. Iguaçu	7
Iguacuano :	9
A guisa de Prefácio	11
H O M E N A G E N S	
A data aniversária	17
As glórias alcançadas	19
A lisura dos tesoureiros	19
A majestosa construção	20
Aos grandes batalhadores	21
A imprensa local	22
Ao "Dia do Veterano"	23
Introdução	25
PRIMEIRA PARTE	
O começo do E. C. Iguaçu — 1	23
2 — 3	27 e 41
4 — como foi assinado o contrato	45
SEGUNDA PARTE	
Vida social — crônicas e outros comentários	47
A Primavera e o E. C. Iguaçu	49
Aproxima-se o São João	50
Mundanismo	52
A família	53
Progresso e construção	54
Começou a construção da sede	54
Um título	55
Um grande homem	57
Aproxima-se o jubileu	58

	Págs.
Futebol de salão	59
Um pouco do Presente e do Passado	59
Carnaval de salão	61
De parabéns, as jovens !	62
Confidênci a de uma nova associada	64
Casal José de Moura, salões do E. C. Iguaçu, debutante a senhorita Helena de Moura	65
Iguacu "Charmant"	66
Salve a quadrilha	67
Prof.ª Neréa Nogueira e sua colaboração artística	69
Dia das Mães	72

TERCEIRA PARTE

Humorismo (inteiramente elaborado pelo autor do livro)	75
Piadas eleitorais	76
Mais uma do Cabral	76
Piada construtiva	77
João Ferreira e a geladeira	78
A panela embranqueceu	79
Perguntas cretinhas	80
Trocadilho fino	81
Ano Velho e Ano Novo	81
Peruadas	82
Cajuadas	82
Piada farmacêutica	84
Coincidências	85
Piada Militar	85
Como trocadilho	85
Condecoração	87
Garçons sábios	88
Magicas em Nova Iguaçu	90
Da memória do Cristolino	92
Conceitos sóbre o autor	95
Agradecimento ao sr. Luiz Azeredo	97
Outros conceitos	98